Nº 23
CINEGRAFIA
PREÇO ESC. 1850

Lêr o próximo número de Cinegrafia

Número especial do primeiro aniversário

com aumento de páginas pelo habitual prêço de

Esc. 1$50

As melhores colábo[illegible]ões, os mais pálpitantes [illegible]tos e as mais artísticas [illegible]fias de "estrêlas" e "[illegible]o cinemá.

Novelas, críticas, e assuntos do máior interêsse serão publicados no N.º 24 de CINEGRAFIA, á sáir no próximo diá 17.

Número extrordinário - Muitas páginas por Esc. 1$50

ANO I — Quinta-feira, 3 de Abril de 1930 — N.º 23

Redacção e Administração:
T. da Condessa do Rio, 27
Telefone Trindade 96
LISBOA — PORTUGAL

ASSINATURAS
pagamento adeantado

12 numeros	18$00
24 „	36$00
Ultramar - 24 numeros	39$00
Estrangeiro - 24 „	75$00

Cinegrafia

A Revista Portuguesa de Propaganda Cinematográfica de maior tiragem e expansão.

Director:
Anselmo Pinto Bastos Vieira
Administrador: *João Sá*
Editor:
Henrique Pereira Ferraz

Composição, impressão e gravuras de
BERTRAND (Irmãos), L.da
T. da Condessa do Rio, 27
LISBOA — PORTUGAL

Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL CINEGRAFIA, L.DA

Dita Parlo a insinuante vedeta que admiramos em Sheherazade, Manolesco, Rapsodia Hungara *e* O Canto do Prisioneiro

Na capa da frente: *Greta Garbo*

Na capa de traz: *Mary Moyland, uma das mais recentes artistas da M. G. M.*

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PARA LER DEVAGARINHO

ENTRE a numerosa correspondência que, todos os dias, até nós chega, surgiu-nos recentemente uma carta, cujo conteüdo merece que lhe dediquemos um pouco de atenção. A carta, que noutro lugar publicamos, traz ao nosso conhecimento a fundação de um núcleo ou grupo de amadores de cinema. Dizem os seus componentes ser seu fim a realização de filmes portugueses e, pelas horas em que nos dizem tratar dos seus assuntos — das 19 ás 21 — vê-se que é gente que tem suas ocupações.

A idéa parece-nos simpática, em toda a quási inocência por que se nos apresenta... Mas já pensaram os que a ela se abalançam, na série de dificuldades de todas as ordens que encontrarão na estrada que se propõem caminhar? O nosso povo — com aquêle seu característico espírito irrequieto que o levou á glória da India e á catástrofe de Alkacer-Kibir, ansioso sempre de se lançar em todos os empreendimentos, dominado pelo sentimento das aventuras mais estranhas — não tem, na generalidade, a noção de possibilidade nas empresas em que se arrisca.

Teriam meditado um bocadinho os simpáticos fundadores do «Grupo de Amadores de Cinema»? Teriam pensado no apetrechamento de que carecem para a efectivação dos seus desejos? Teriam adquirido os ensinamentos indispensáveis — ainda que apenas os rudimentares — que os habilitassem a acreditar na possibilidade de levarem por diante os seus propósitos?

Acreditamos que o seu pensamento não seria um daquêles que poderiam ser expressos nesta fórmula: Vamos fazer fitas..., *porque isso é uma coisa a que nós todos já estamos muito habituados, dentro e fóra do meio cinematográfico... Lembraram-se, possivelmente, com convicção e entusiasmo, em fazer imprimir alguns metros de película. Essa convicção, essa sinceridade e esse entusiasmo poderão ser — e devem ser — o melhor timbre do seu orgulho. Mas só isso, aliado a muito boa vontade, é ainda muito pouco. O conhecimento técnico, a experiência e, em cima de tudo isso, o dinheiro, o capital, são muito mais poderosos influentes.*

Quando entre nós atingiu a sua culminancia a fúria pelo jogo do ponta-pé na bola, quási que em cada quarteirão das ruas da cidade havia dois grupos de jogadores. Juntavam-se onze conhecidos, cada um contribuía com meia dúzia de tostões, e assim compravam uma bola, muitas vezes, até, uma pequena bola de borracha... Não era preciso mais nada. Mais nada! Estava constituído mais um clube de futebol e, aos domingos, porque, mesmo sem regras, consumiam as suas fôrças correndo em magote atrás de uma bola, convenciam-se que, de facto, estavam praticando o desporto... Evidentemente que não estava certo.

Ora, de esperar é que, desta feita, com todo o entusiasmo pelo cinema que sabemos existir — e do qual, metòdicamente, compartilhamos — não vá acontecer-lhe o mesmo que aconteceu com o desporto do futebol, e que acabamos de censurar. Claro que a organização física dos indivíduos não seria prejudicada da mesma maneira, mas sê-lo-ia, poderosamente, a Arte por cujo progresso todos nos empenhamos.

Estas palavras não significam descrença, nem desânimo. Apenas querem dizer a necessidade do método, da organização, da disciplina de espírito necessária para que o Cinema seja, em terra portuguesa, aquilo a que verdadeiramente tem direito.

Doris Hill, uma nova vedeta Paramount, cuja semelhança com Clara Bow é manifesta

Jeanette Mac Donald, intérprete feminina de Parada do amor — Foto Paramount

bilhetes de paris

(Serviço especial de «Cinegrafia»

Paris, 20 de Março.

Maurice Chevalier, o ídolo parisiense do «music-hall», é uma segura garantia de êxito para um filme que se exiba em Paris, qualquer que seja o seu valor... Um pouco de réclame, e... o publico acorre, em massa, ao cinema em que a fita esteja sendo passada.

Vem isto a propósito de uma das mais modernas produções sonoras americanas — *Parada de amor* — agora em pleno sucesso no elegante e moderno «Paramount». Não há jornal ou revista que não tenha consagrado uma página, pelo menos, á propaganda desta película. Diáriamente acorrem ao primeiro salão dos «boulevards» milhares de pessoas e...

Mas o que é *Parada de amor*?... Uma opereta! E nós a julgarmos que as operetas, depois de ter sido representado *O turco do Kalhariz* — recordam-se daquela engraçada «charge», apresentada no nosso Politeama? — tinham morrido... Mas não! Eis que ela surge de novo, mas agora no cinema sonoro. Desnecessário será dizer que os ridículos dêste género do teatro musicado se agravaram... Que scenas ridículas não se desenrolam em *Parada de Amor:* a raínha, que salta da cama e que canta uma ária, retirando-se do quarto como se estivesse no palco!... (Até a já estafada e deselegante despedida dos espectadores se repete no filme); Maurice Chevalier, que representa como se ainda estivesse no «Casino» ou no «Palace»; os soldados, que marcham em passo de parada, cantando um hino, em que sobressai a bela voz da raínha (Jeanette Mac Donald)... E, para tudo ser completo, até não falta o par de dançarinos cómicos...

A opereta conta, ainda hoje, grande número de admiradores. Nós mesmo achamos encantadoras peças como «Fledermans», «Die Strohwitwe», «Si», etc. Mas *Parada de Amor* é uma opereta de cinema sonoro e, tirada a novidade desta nova modalidade da ex-arte do silêncio, não nos agradou.

E', de facto, Maurice Chevalier quem canta com aquêle vozeirão anasalado? Julgamos que sim..., muito embora não lhe tivessemos reconhecido a voz. Se não fôra a excelente orquestra do «Paramount», que nos vai tocando durante a exibição do filme — não obstante êle ser sonoro... — alguns belos trechos, que fracasso não seria *Parada de Amor,* mesmo em Paris, uma das cidades em que o publico menos exigente é! Não tenhamos ilusões: o sonoro ainda está imperfeitíssimo e a pior produção muda é quási sempre superior á melhor fita sonora.

Exceptuamos, apenas, dois géneros de filmes que, segundo o nosso modo de vêr, muito ganharam com esta inovação: As actualidades e os desenhos animados. Vimos agora, no «Marivaux», uns que, realmente, devem ser considerados como optimos e engraçadíssimos... Mas, o resto?

La Nuit est à nous, adaptação libérrima da conhecida peça teatral de Kistenmaeckers, é outro grande (?) sucesso dos «boulevards»... Um filme francês totalmente sonoro, exibido num dos primeiros salões de Paris — o «Marivaux» — tem, fatalmente, de agradar, quaisquer que sejam as suas qualidades... E...

La Nuit est à nous é, quanto a nós, muitíssimo superior a *Parada de Amor,* embora lhe encontrássemos, na transmissão de sons, os mesmos defeitos dos do gramofone. De resto, todos os actores — á excepção de Jim Gerard, que vai maravilhosamente — representam teatralmente muito bem... O teatro está agora, de facto, bem vingado, como os nossos leitores verão, brevemente, em Lisboa.

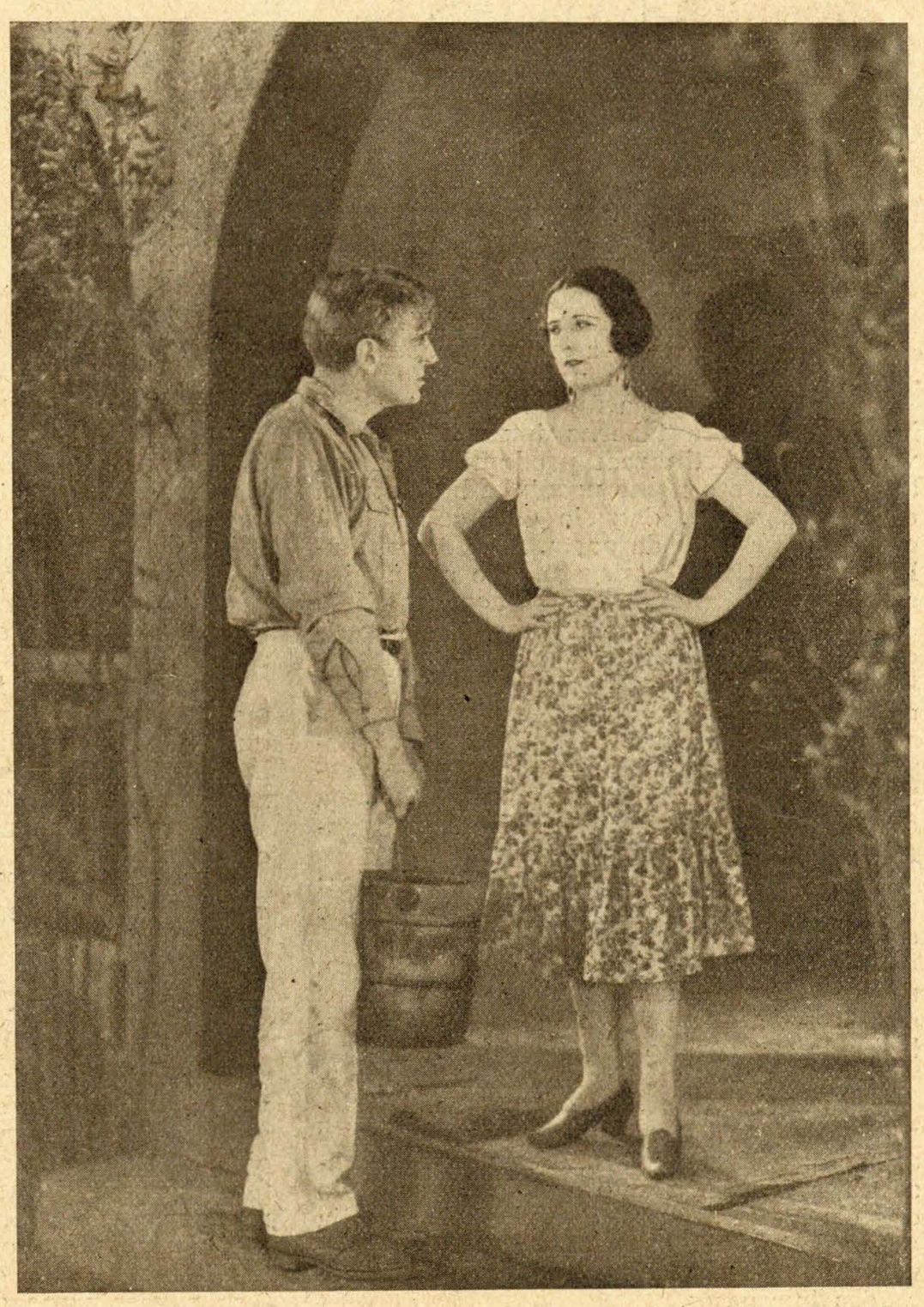
Um acontecimento que deu certo brado nos meios cinematográficos e jornalísticos desta capital foi a atitude assumida pelos srs. Gaston Thierry e Nath Imbert, directores fundadores do conhecido semanário *Cinémonde,* dirigindo aos jornais a seguinte carta:

Por motivos independentes da nossa vontade, sômos momentaneamente impedidos de continuar assumindo a direcção de Cinémonde *e o número de quinta-feira, 13 de Março, é o último que aparece sob a nossa responsabilidade.*

Agradecendo a hospitalidade que dispensareis a estas linhas, apresentamos as nossas cordiais saudações. — (aa.) Gaston Thierry — Nath Imbert — *Directores fundadores de* Cinémonde.

Jacques de Baroncelli tem continuado, activamente, nos estudios de Joinville, a filmagem de *L'Arlésienne.* O primeiro quadro, cuja decoração é devida a M. Robert Gys, decorre numa quinta provençal de Castelet, mostrando-se o realizador verdadeiramente entusiasmado com os exteriores que obteve na Provença, onde os realizou na época da colheita do trigo.

v. D.

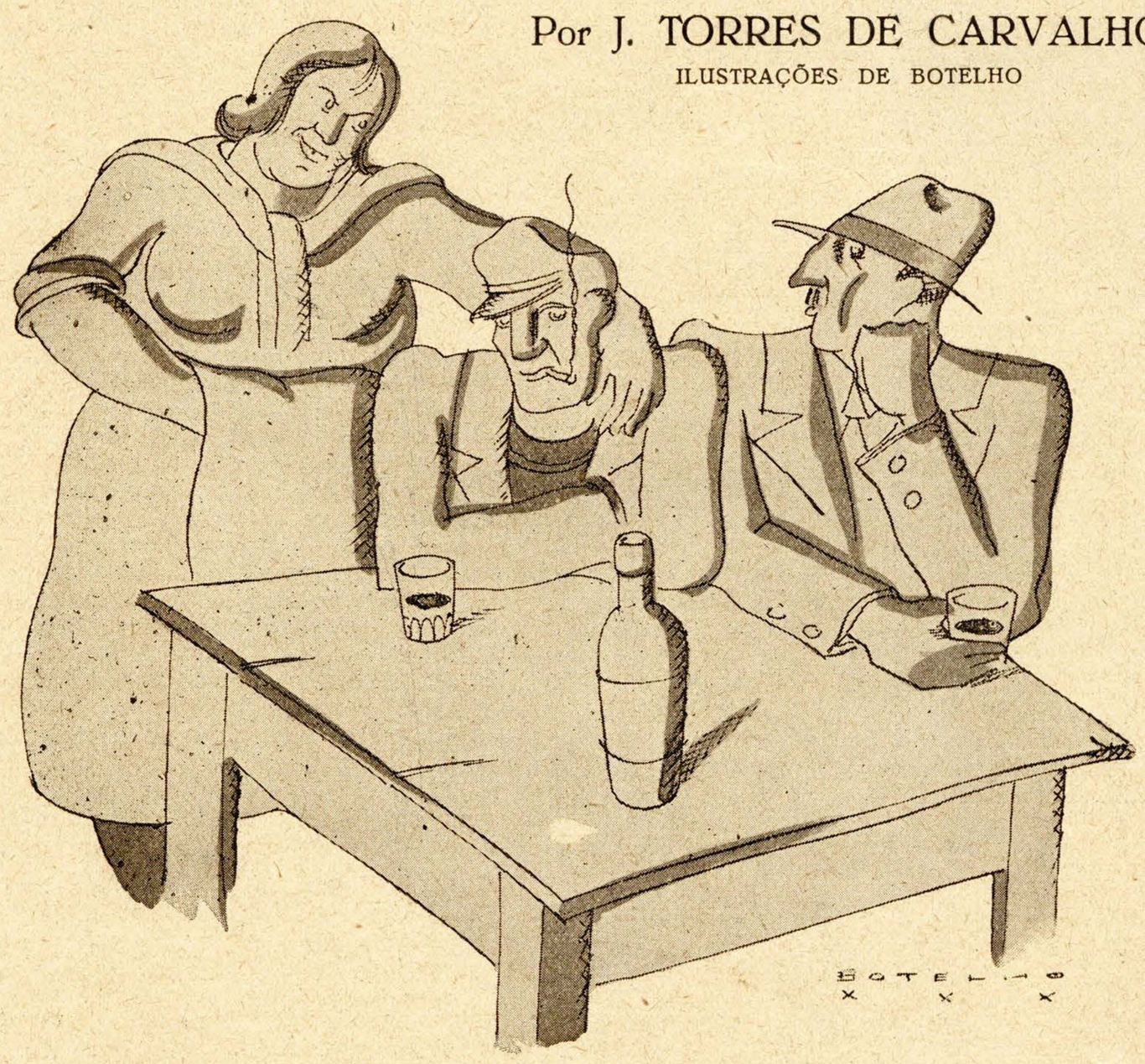


Francesca Bertini e Rodolph Klein-Rogge em Tu m'appartiens,, *a nova produção francesa de que já várias vezes nos temos ocupado* — Foto S. C. R. T.

Mario, o "Pinoca„ da Bola Verde

Por J. TORRES DE CARVALHO

ILUSTRAÇÕES DE BOTELHO



Quem é a "ti'Ana„

A «ti'Ana», a actual proprietária da «Bola Verde» — a sua toca, como ela dizia — era tida no melhor conceito da gente que a frequentava. A «Bola Verde» era uma taberna imunda, onde o vício e a libertinagem predominavam em abundancia, e o nome provinha-lhe de uma esfera em vidro, daquela côr, colocada á entrada, por cima da porta. A «ti'Ana», mulher velha, tipo de megera, que consumira a mocidade ajustando contas com a polícia e — com o peculio junto num longo presídio, e mais algum que alguém lhe emprestára — adquirira aquela espelunca. Já não tinha idade para folias e queria chegar sossegada ao fim da vida. Aquilo sempre havia de dar para comer — pensava — e, satisfeita, a velhota tinha para cada pessoa que entrava, um dito a propósito e segundo a categoria do freguês.

Era cega e surda para os negócios alheios; ouvido apurado e vista de lince no que lhe dizia respeito.

Havia, porém, entre a clientela da casa, um freguês que ela distinguia — ela e os outros — e a quem recebia sempre com afabilidade e a cerimoniosa frase de:

— «Boa noite, meu senhor!»

Era um tipo diferente dos outros. Acamaradava pouco ou nada com aquela gente sem escrupulos. As mulheres não lhe conseguiam fazer perder o ar triste e sombrio que êle trazia sempre, e nenhuma se podia gabar de ter sido sua amante. Era alto, moreno, simpático, cabelo e olhos negros e modos burgueses.

A primeira vez que entrara naquele tugurio provocara desconfianças.

— Não vá o sujeitinho ser algum *macaco* (1) — diziam uns para os outros, os frequentadores assíduos da «Bola Verde».

A «ti'Ana» encarregara-se de os sossegar.

— O tipo é de confiança, não tenham mêdo... Já *escorregou* (2) comigo.

E aquela gente tranquilizava-se: — «se a velha garantia que o *pássaro* (3) era «fixe», é porque o era».

Como os outros, teve uma alcunha: o «Pinoca». Um dia, seis companheiros, «habitués» da casa foram ter com êle e convidaram-no para chefe. Desculpou-se quanto pôde para se furtar a isso, mas êles insistiram tanto que, por fim, se viu forçado a aceitar.

A' «ti'Ana» farejou-lhe a negócio. Aproximou-se da mesa onde êles estavam, e, enquanto servia vinho, ia dizendo, batendo-lhes amigavelmente, com a mão livre, palmadinhas nas costas:

— Parabens, meus filhos, não podiam escolher melhor!

— E o que o «Pinoca» disser é o que a gente faz. Quem não quiser, que procure outro «poiso».

Um baile e uma rusga

Uma pianola desafinada faz ouvir uma valsa de opereta antiga. A gente que se aglomera na taberna quere dansar. E' preciso afastar as mesas e as cadeiras para fazer espaço. Alguns sentam-se nas cadeiras que estão sôbre as mesas, e assistem dali ao baile, como se fôra de um camarote. Sufoca-se com o calôr e com a atmosfera nauseabunda de fumo de tabaco e de comida. A velha e as duas rameiras que a auxiliam, nas horas de maior movimento, não chegam para aviar toda a clientela. Os copos de vinho esvaziam-se uns atrás dos outros, para acalmar a sêde.

E a «ti'Ana» corre de um para o outro lado, afougueada e sorridente, tratando a todos por filhos, trazendo cheio um copo em cada mão, e levando aos seis, vazios. Enquanto espera que o garoto, dentro do balcão, encha os copos de novo, ela, com a ponta do lenço vermelho que lhe cobre a cabeça, limpa o suor que, depois de lhe empapar os cabelos soltos na testa, lhe escorre pela cara, aos bortotões.

O seu ar prazenteiro contrasta em absoluto com o das suas duas auxiliares, que resmungam a cada pedido e lançam olhares invejosos para as outras mulheres que dançam.

O «Pinoca», agora, tem-se afastado daquela turba-multa. Está só, metido no canto menos iluminado. Cotovelos sôbre a mesa e as mãos apoiando o rosto, contemplando, extasiado, aquêle baile de gente desprezivel, dir-se-ia que pensava.

A porta da rua abre-se com estrondo e uma mulher entra apressadamente, avisando a aproximação da «rusga».

Aquela gente tem um momento de incerteza: saír ou ficar. No primeiro instante correm todos para a porta; depois recuam e recomeçam a dansar mais desenfreadamente. Cada qual procura disfarçar o melhor possivel o mêdo que o invade. De quási todos os bolsos saltam, para as mãos da «ti'-Ana», que os vais pôr a bom recato, canivetes ou navalhas. Alguns, talvez de culpas mais recentes, fogem por uma portasinha que há nas trazeiras da casa. Só o «Pinoca» continua como até ali, extático e impossivel.

A «rusga» entra. Uma dezena de polícias invade a taberna. A pianola emudece e a dansa suspende-se. Agora, contrapondo-se ao «brouhaha» ensurdecedor de há momentos, paira um silêncio lugubre, aterrador, entrecortado de quando em quando pela voz da policia. Um, outro e outro é apalpado e revistado. Homens e mulheres, são todos por igual. Os mais duvidosos são agarrados e empurrados para um lado. Um dito raivoso de homem e um grito de mu-

lher, a quem levam o amante, e a «rusga» sái, levando alguns frequentadores só por suspeita, ou por «suspeita certa».

O baile acabára definitivamente. De todos os lados surgem ameaças e impreca-

ções. A «ti'Ana», prudentemente, vai aconselhando os fregueses a saír.

— São horas de fechar o estabelecimento, meu filhos, e eu estou que já nem posso com o sôno.

Esvaziam-se os ultimos copos. A velha vai arrumando a casa para o dia seguinte, á medida que os fregueses vão saindo. O «Pinoca» é o unico ainda lá dentro. Só êle e a «ti'Ana» estão na «Bola Verde». Tão distraída ela está que fecha a porta sem notar que fica alguém dentro da taberna. Descuidadamente, vai ao balcão, tira a gaveta do dinheiro, e quando se dirige com ela para o canto ocupado pelo «Pinoca», dá, receosa, de cara com êle.

— Então o meu senhor ainda aqui está? — pregunta-lhe, aparentando calma.

— Sim, e queria pedir-lhe um favor. Há alguém para quem eu exijo o máximo respeito, que deve vir aqui procurar-me quando, na Sé, soarem as três badaladas. Quero aqui ficar só com essa pessoa, sem testemunhas. Eu mesmo irei abrir-lhe a porta...

— Mas... — atalha a velha, receosa de qualquer surpreza desagradavel, que a faça voltar de novo ao calabouço.

— Não tem de que ter mêdo e o ganho é certo, pago bem.

O dinheiro continuava a seduzi-la. Para ela não havia argumento mais convincente. Imediatamente concordou com a proposta. «O «Pinoca» é tipo sério, não há de haver novidade» — pensou para consigo. Ela mesmo foi buscar uma toalha branca, com que cobriu a mesa, não sem que primeiro a tivesse limpo: não fôsse haver algum pingo de vinho. Depois, com o farrapo de que se servira, bateu os bancos e as cadeiras ali próximas, e num:

— Veja lá o meu senhor se precisa mais alguma coisa... — despediu-se e foi-se para o interior da casa a pensar quanto ganharia com aquêle negócio que ela não chegára a perceber.

Quem espera...

Quem agora entrasse dentro da taberna, nada mais ouviria do que a respiração ofegante do «Pinoca». Dir-se-ia que estava ali, dormindo, alguem atacado de febre alta. Êle, porém, não dormia: esperava. Quem espera na incerteza, excita-se, fica febril. Erguia-se ao mais leve rumor que supunha vir da porta. Desiludido, retrocedia e deixava-se caír, desalentado, na cadeira.

Agora, só uma lampada está acêsa. A sua luz é tão fraca que o canto onde o «Pinoca» se instalara está envolto na penumbra. A toalha dá a impressão de uma mancha branca sôbre uma superfície negra. Quem fixasse bem aquêle canto, veria o vulto que lá se encontrava levar, repetidas vezes, a mão á algibeira interior do casaco, tirar dela qualquer coisa, aproximá-la dos lábios e guardar de novo.

Ao longe, três badaladas dolentes perturbam o silêncio da noite. «Pinoca» solta um suspiro grande: ergue-se e, agitado, passeia pela casa, parando de quando em quanto próximo da porta de entrada, procurando ouvir qualquer ruído que denuncie a aproximação de alguém. Cada minuto é um minuto de sofrimento e desespero. Não tinha dado ainda dois passos depois que escutára pela ultima vez, quando se fizeram ouvir umas levíssimas pancadas.

Adivinhava-se a timidez de quem batia. A outro que não tivesse aquela preocupação, passar-lhe-iam despercebidas as pancadas.

«Pinoca», de um pulo, alcança a porta, abre-a com frenesi e fecha-a de seguida.

Na sua frente estava agora um vulto de mulher. Não se lhe podia vêr o rosto, coberto com um espesso véu negro mas o vestido, da côr do véu, deixava perceber que devia ser uma mulher interessante e nova, pela elegancia das formas. A comoção de ambos devia ter sido grande. O «Pinoca» transformara os três degraus da entrada num altar. A mulher, de pé, hirta, sem nada dizer. Êle, de joelhos, aos pés dela, extasiado e mudo, contemplava-a. Só decorridos alguns momentos puderam articular palavra. E, esquecendo tudo, caíram nos braços um do outro.

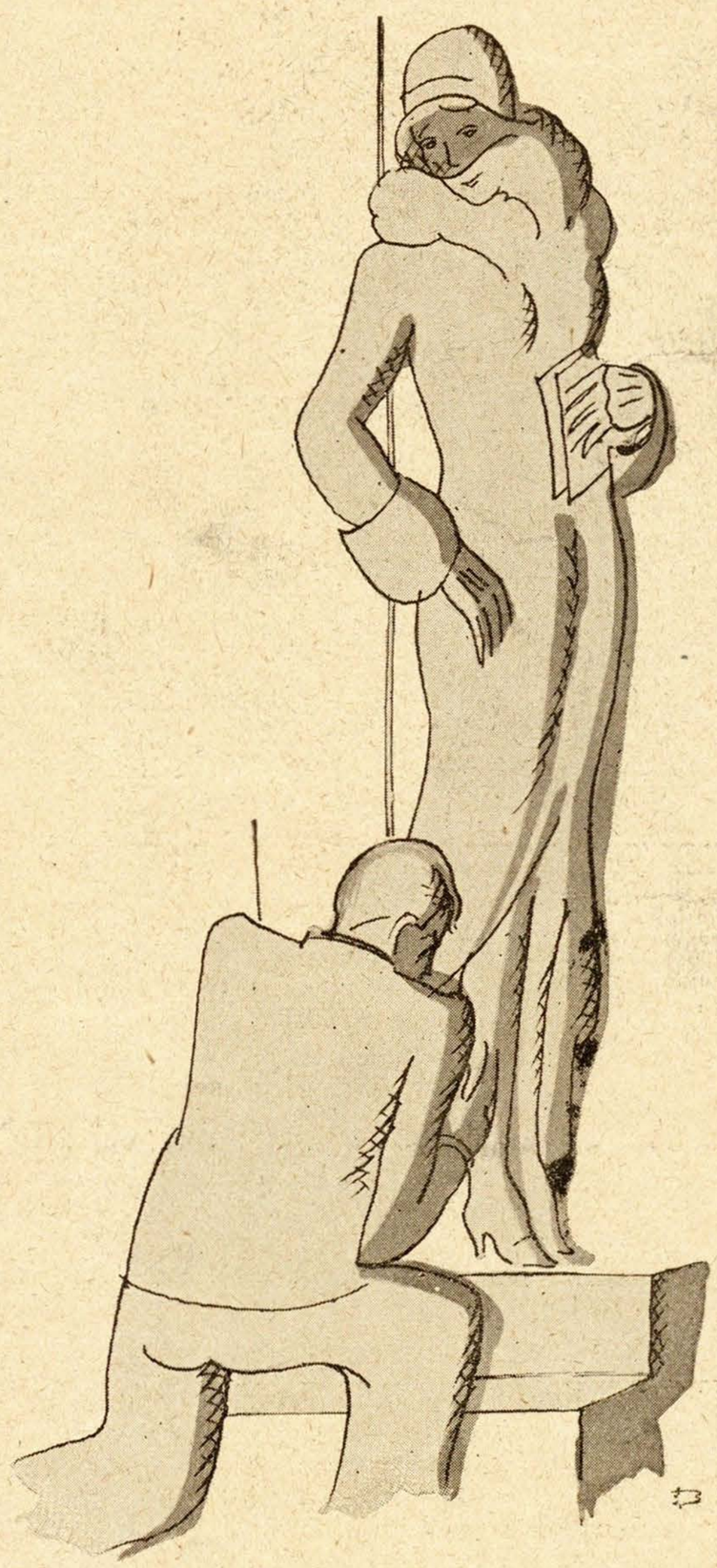
— Helena!

— Mario!

... e, durante minutos, aquela casa, que vivera, horas antes uma atmosfera repugnante de maldade, tinha agora uma brisa de ventura, amor e carinho. O «Pinoca» desaparecera perante aquela mulher, e surgira Mario, o homem que o amor sacrificára.

Um Anjo no Inferno

Abraçados, encaminham-se para onde êle vivera, antes dela chegar, horas de in-



certeza. Ali estariam melhor, mais longe da porta, mais a recato... Helena levantára o véu. Tinha uma cara fresca e um lindo cabelo côr de ouro, que contrastava maravilhosamente com a linda «cloche» negra que lhe servia de chapeu. Nos olhos de ambos brincavam duas lágrimas. Pérolas que adornam as grandes alegrias ou os profundos desgostos. Bálsamo santificado da felicidade ou da desventura.

Sentados próximo da mesa. Maria quebrou o silêncio. Segurando, entre as dêle, as mãos de Helena, descreve-lhe quanto sofrêra pelo seu amor. Quisera-lhe muito. Era pobre. Para a fazer sua mulher era necessário ter meios suficientes. Ela era rica e disfrutava uma boa situação. Tirá-la do meio onde vivia para outro inferior, não o faria nunca. Amava-a muito para lhe exigir um tal sacrifício. Lançara-se ao trabalho com desespero. Queria trabalhar, ganhar dinheiro, muito dinheiro, para a sua Helena. Tudo quanto aparecesse, que pudesse dar lucros, tudo aproveitava. Trabalhava noite e dia. Que diacho! Tinha estudos, para alguma coisa êles deviam servir. Passaram-se muitos meses. Helena era constante no seu amor, embora estivesse longe. Escreviam longas cartas, dizendo o que lhes ia na alma. A coragem de vencer começou a faltar-lhe perante os insucessos das suas multiplas tentativas. Começou a sentir-se invadido de uma grande neurastenia. Tinha uma mulher a quem êle queria apaixonadamente, e que lhe correspondia de igual modo, mas não tinha dinheiro para a fazer sua. Os magros cobres que auferia do seu trabalho, mal lhe chegavam para comer. Um dia encontrou um antigo condiscípulo. Falou-lhe, contou-lhe a sua situação e êle prometera interessar-se. No dia seguinte tornou a encontrá-lo. Êle entregou-lhe uma carta e disse-lhe — recordava-se ainda bem:

— Leva-a á morada indicada no envelope. E' a tua e a minha fortuna. Da resposta depende sermos ricos ou não. Vai, enquanto eu aqui te espero.

...E foi e trouxe como resposta um novo envelope, para entregar ao seu antigo companheiro de estudos.

Quando o encontrou e a carta foi aberta, deparou-se-lhes um cheque. O amigo, exultando, disse-lhe:

— Sômos ricos. Metade é para ti. Cento e cinquenta contos para cada.

Não sabia, mas supunha que devia ter desmaiado, porque, ainda tonto, vira muita gente á sua volta.

Duas horas depois, tinha o dinheiro na mão. Êle mesmo o tinha ido receber. O amigo não fôra por causa de afazeres inadiaveis. No regresso, fizeram as contas e separaram-se. Chorou de alegria: ia, finalmente, chamar a si a sua Helena.

Ganhára num trabalho mínimo o que talvez nunca conseguisse juntar com o dispêndio da sua energia máxima. O amigo tinha sido um deus, um anjo salvador. O dinheiro, dera-o a guardar a uma santa velhota, a quem tratava por tia. Três dias haviam decorrido. Três dias de mil fantasias e sonhos côr de rosa. Ah! Como era feliz, agora! Escrevera a Helena, pedindo-lhe para regressar. A sua alegria foi passageira, porém. Antes que Helena tivesse tempo de lhe responder, era preso. Preso por ladrão, preso por falsificador. Só então soubera que as cartas eram uma troca de correspondência entre falsificadores, e o cheque que recebera tinha sido viciado. O seu antigo condiscípulo, bem como o seu cumplice, conseguiram fugir. Exigiram-lhe a restituição do dinheiro. No seu cérebro debateram-se dois pensamentos: voltar a ser pobre — mais pobre do que então, porque até o nome já perdera — e desistir de Helena, ou mentir, e continuar esperança na mulher a quem fizera ídolo. Optou pelo ultimo. Um dia foi julgado e condenado a degredo. As provas eram todas contra êle. De Helena nunca mais ouvira falar durante os cinco anos que estivera em Africa. Suportava tudo com uma unica esperança, com uma só fé: o seu amor.

Logo que a pena terminára, regressou á metrópole. O seu primeiro cuidado foi escrever a Helena, a quem não enviava notícias desde que fôra preso — «não fôsse ela perceber; depois lhe contaria tudo».

As cartas vinham-lhe devolvidas com a indicação de «Desconhecida».

Indagou, tentou, por todas as formas, saber o seu paradeiro, mas tudo em vão. Sofreu então mais do que nunca. Viera parar áquela alfurja no desejo de se afastar dos meios que frequentára quando honesto. Abençoada hora aquela em que ali entrára!

Uma noite, sentára-se a uma mesa e pedira um copo de vinho — êle, que nunca bebera. Noutra mesa, ao lado, quatro meliantes faziam projectos para um assalto. Instintivamente apurou o ouvido, aproximou-se mais. Disseram o apelido de Helena. O assalto ia dar-se em casa dela. Sentiu desejos de gritar, saltar ao pescoço daqueles bandidos, mas refreou-se. Que mais diriam? Interessava-lhe aquela conversa, agora mais que nunca. E ouviu êles dizerem que ela tinha casado e que o marido estava fóra.

O «chauffeur», na noite imediata, não ficaria em casa e esse seria o momento oportuno. Antes desejaria ter morrido em terras de Africa do que sofrer tão grande desgosto; o seu casamento. Escrevera-lhe, pedindo para ela ir ali — se dêle ainda se lembrasse. E áqueles que o tinham eleito chefe, disse que fôssem defender-lhe a casa, que êle os recompensaria prodigamente. Helena deixára tudo e fôra. Estava ali, junta a êle. Talvez na sua alma se travasse uma luta renhida de consciência. Assim o faziam crêr as lágrimas que escorriam pelo seu rôsto, que a luz fraca do tecto tornava pálido.

— Amo-te hoje, como ontem, como sempre, Helena. Poderei agora ser rico, se quiser. Não é preciso ouvir dos teus lábios a confissão do teu amor. A tua vinda diz o que as palavras pronunciadas com a maior sinceridade nunca conseguiriam fazer crêr. Não te pregunto se és feliz. A tua presença diz-me tudo. Sofres como eu, agora, dolorosamente. Êste nosso encontro é um adeus de despedida. Não és livre já, e eu não tenho, hoje, o direito de te pedir que substituas um nome honrado por o de um grilheta! De inocente, transformou-me o amor em culpado. Não me lamento, choro o meu fatal Destino. Vi-te, antes de partir. Déste-me a esmola do teu olhar e levaste-me a vida no teu beijo de há pouco.

Era demais. Helena não o pôde continuar a ouvir e, sufocada pelas lágrimas, só uma palavra conseguiu articular:

— Perdão!

— Não blasfemes! Se alguém aqui tem de o implorar, sou eu e não tu. Eu, de quanto te fiz sofrer com o meu longo silêncio. Ainda conservo o primeiro retrato que me déste e que te peço para mo deixares. Tem sido toda a minha companhia. E, agora... um beijo ainda... Talvez o ultimo. Vê como eu sou forte! Eu que te quero tanto! Em vez de te pedir para ficar eternamente comigo, peço-te que sáias depressa! Como está diferente o teu Mario!

E êle mesmo, depois de trocarem um longo beijo de amor, enxugou-lhe as lágrimas com um pequeno lenço de seda azul, cobriu-lhe o rosto com o véu, passou-lhe o braço por traz da cintura e, lentamente, pedindo-lhe que não falasse, acompanhou-a á porta. Ali, no mesmo degrau onde ela estivera quando entrára, Mario sentiu-se fraquejar. Limpou com um gesto fugidio uma lágrima indiscreta, e, tentando dissimular, tapou-lhe a bôca com um beijo.

— Uma palavra tua, era o bastante para ainda me fazer recuar, e eu não posso, nem quero seguir outro caminho diferente do que tracei, por isso peço que nada me digas. Agradeço-te mais do que se te ouvisse... Adeus, a crê, Helena, eu só roubei uma vez, eu só roubei por ti... Fui um ladrão, sim, um ladrão por amor... Nunca me queiras mal...

E a porta abrira-se e Helena saíra; negro o vestido, de luto o coração.

Mario, cambaleando, como se estivesse ébrio, e apoiando-se a uma e outra mesa para não caír, volta ao seu primitivo lugar.

De um dos bolsos tira uma fotografia. O unico retrato que possuía de Helena, que o acompanhára sempre. Como um alucinado, beija-o. Aperta-o entre as mãos, num desespero louco de não lhe poder dar vida.

Agora escreve. A mão trémula, deslisa veloz sôbre o papel. Humedece nos lábios a cola com que fechará o envelope. Outra carta ainda. Depois de meter nos bolsos as missivas, acende um fósforo. Ao vê-lo aproximar a chama do retrato, poder-se-ia dizer que pretendia reanimar, pelo calor, um corpo inanimado. A chama, agora, está mais próxima. O papel atrái a chama e e ela beija-o. E' um beijo de fogo, destruidor, mortal. Nos lábios de Mario tremula um sorriso. E o fogo consome, vai consumindo até final aquêle papel que tem impresso um rosto de mulher. As labaredas dansam, alheias á função que lhe impuzeram. Um papel encarquilhado, quente ainda, é tudo quanto, agora, existe. Cinzas que um sôpro leve desfaz. Quem na rua passasse, naquêle instante, teria ouvido um tiro. Mario, o «Pinoca» da «Bola Verde», quisera fazer á vida o que o fogo tinha feito ao retrato...

---

(1) Polícia.
(2) Falar.
(3) Homem.

"NOITES DE PRINCIPES"

UMA GRANDE PRODUÇÃO FRANCESA NO "ÉCRAN" DO POLITEAMA

A gravura representa uma scena do belo filme de Marcel L'Herbier, Nuits de Princes, *que o Politeama tem no seu* écran, *desde o passado dia 27. Gina Manés, a* vedette *que já admirámos em* Terèse Raquin, *é também a principal interprete desta produção, por alguns considerada o melhor trabalho da indústria cinematográfica francesa para a actual temporada. A seu lado, trabalham Jacque Catelain, Alice Tissot, Nestor Ariani, Nathalie Lissenko e D. Dmitrieff, constituindo um conjunto de interpretação altamente valioso.*

Marcel L'Herbier, uma vez mais, fez valer o poder da sua técnica, que neste filme é largamente demonstrada, e o público tem sabido manifestar o seu agrado por êste filme, que é, incontestavelmente, mais um bom índice da produção europeia.

Mary Brian, a bem conhecida estrêla do firmamento americano. A posição em que se encontra, combinando com o fundo que a realça, contrasta nitidamente com a luz do seu olhar. Foto M. G. M.

ITALIA

O Instituto Nacional "L. U. C. E."
Secções cinematográficas (Cinemateche)

Por
J. TORRES DE CARVALHO

(Continuado do numero anterior)

Mil setecentos e sessenta e dois filmes, ou seja uma média de vinte e seis filmes por mês, nos cinco anos e meio do Instituto. (Setembro de 1924 a Fevereiro de 1930).

Portugal também está entre êles. Um documentário, com cento e dezoito metros, sôbre Lisboa.

Secções cinematograficas (Cinemateche)

Comecemos por descrever os fins da *Secção de Instrução e Propaganda Agrícola:*

a) — Preparação das películas agrícolas para a instrução técnica, profissional e educação dos agricultores e propaganda no estrangeiro, da lavoura italiana;

b) — Expansão dos filmes, nas províncias, por intermédio das organizações técnicas e sindicais;

c) — Organização do cinema ambulante.

d) — Difusão dos filmes nas escolas agrárias teóricas e práticas; nas rurais e cursos profissionais dos aldeões, a cargo das Escolas Ambulantes de Agricultura;

e) — Ilustração das conferências, com projecções;

f) — Tudo quanto se refira á utilização da cinematografia no campo técnico e educativo agrário.

O numero de projecções feitas, atingiu: no ano de 1926, 870; 1927, 1.440; 1928, 2.150; 1929, até 31 de Outubro, 2.880.

O filme que teve maior numero foi o da «Campanha do Trigo» (cêrca de 55 por cento das projecções totais).

Secção de Cultura Nacional:

Com o fim de preparar, coordenar e organizar a produção referente a:

1.º — Assuntos didácticos auxiliares, nos vários graus de educação, por intermédio de oportunas projecções luminosas, animadas;

2.º — Assuntos genéricos de cultura para a educação e instrução do povo;

3.º — Assuntos scientíficos, em geral.

Isto, baseado na:

a) — Ilustração da História de Arte e Arqueologia, animando a visão da natureza morta com a natureza viva e, até, eventualmente, com breves scenas reconstrutivas;

b) — Preparação das películas didácticas, com carácter auxiliar do ensino da geografia e sciências naturais;

c) — Execução de películas de carácter recreativo até conseguir dar ao povo os elementos fundamentais scientíficos necessários para a compreensão superficial das aplicações mais recentes do progresso técnico humano: *electricidade, aviação, comunições, transportes, rádio,* etc.;

d) — Película didáctica do mesmo género até servir aos principiantes como auxiliar da instrução elementar em todos os campos onde tal auxílio possa ser eficaz para interessar os cérebros juvenis;

e) — Preparação de películas de elevada cultura, aplicadas ao ensino superior, documentadas com factos scientíficos de rara ou difícil preparação e execução, universalizando os assuntos de forma fácil, clara e económica, mesmo nas escolas e universidades com reduzidos meios técnicos ou experimentais;

f) — Edição periódica de películas documentárias, das mais recentes descobertas arqueológicas e com os mais recentes acontecimentos de arte.

Secção Militar, com o fim de:

a) — Apresentar as aplicações práticas dos Regulamentos em vigor, para as diferentes armas;

b) — Ilustrar, detalhando de modo a facilitar a análise, a estrutura, o emprego e o funcionamento de todas as armas;

c) — Documentar, de per si, todos os elementos utilizados.

A acção militar do exército de terra, do mar e do ar, de forma a estimular o mais possível o animo e a alma do soldado, do marinheiro e do aviador, fazendo-lhes vêr as suas obrigações no tempo de paz e de guerra, e aperfeiçoando o seu adextramento técnico.

A *Secção Militar,* onde está incluída toda a fôrça armada, tem o encargo de:

a) — Mostrar, publicamente, os filmes didácticos dos assuntos acima nomeados;

b) — Reunir e coordenar os filmes obtidos durante as guerras, ao cuidado do Comando Supremo, italiano;

c) — Fotografar cerimónias e acontecimentos militares, nacionais;

d) — Reviver a tradição histórica de cada

Portofino.

arma ou corpo, para que êste documentário possa tornar conhecidos, do povo, os factos referentes a esta ou aquela arma, e constituír motivo de incitamento para

Um ocaso do sol em Napoles. Ao fundo avista-se o célebre vulcão "Vesúvio".

aquêles que vão, pela primeira vez, vestir uma farda;

e) — Difundir conselhos e sugerir ideias de defesa ás populações civis, durante a guerra.

Secção Turística, destinada a:

a) — Promover e coordenar as películas referentes á paisagem, ao património artístico do país, ao folklore, ás festas características e organização turista e hoteleira italiana;

b) — Regular a produção dos filmes para o ensino profissional hoteleiro;

c) — Criar centros especiais, na Itália e no estrangeiro, para a projecção das películas produzidas e fornecer o material cinematográfico necessário aos propagandistas, conferencistas e associações que as façam projectar com interêsse para o turismo nacional;

d) — Documentar os mais importantes estaleiros italianos;

e) — Documentar os serviços italianos de navegação, serviços de carga e descarga e episódios da vida de bordo;

f) — Documentar tudo quanto se refira ao mar e a todos os recursos da Itália.

Secção de propaganda higiénica e previdência social, destinada a:

a) — Propagar as formas e conselhos mais adaptáveis a combater as doenças sociais;

b) — Cuidar da maternidade e infancia;

c) — Tornar conhecidos os benefícios governativos, onde o povo se pode apoiar.

d) — Difundir as noções de providência seguradora que possam limitar os prejuízos económicos provenientes das doenças.

Secção para a propaganda no estrangeiro. Como o seu nome indica, fazer a propaganda fóra de Itália de tudo quanto se refira áquêle país.

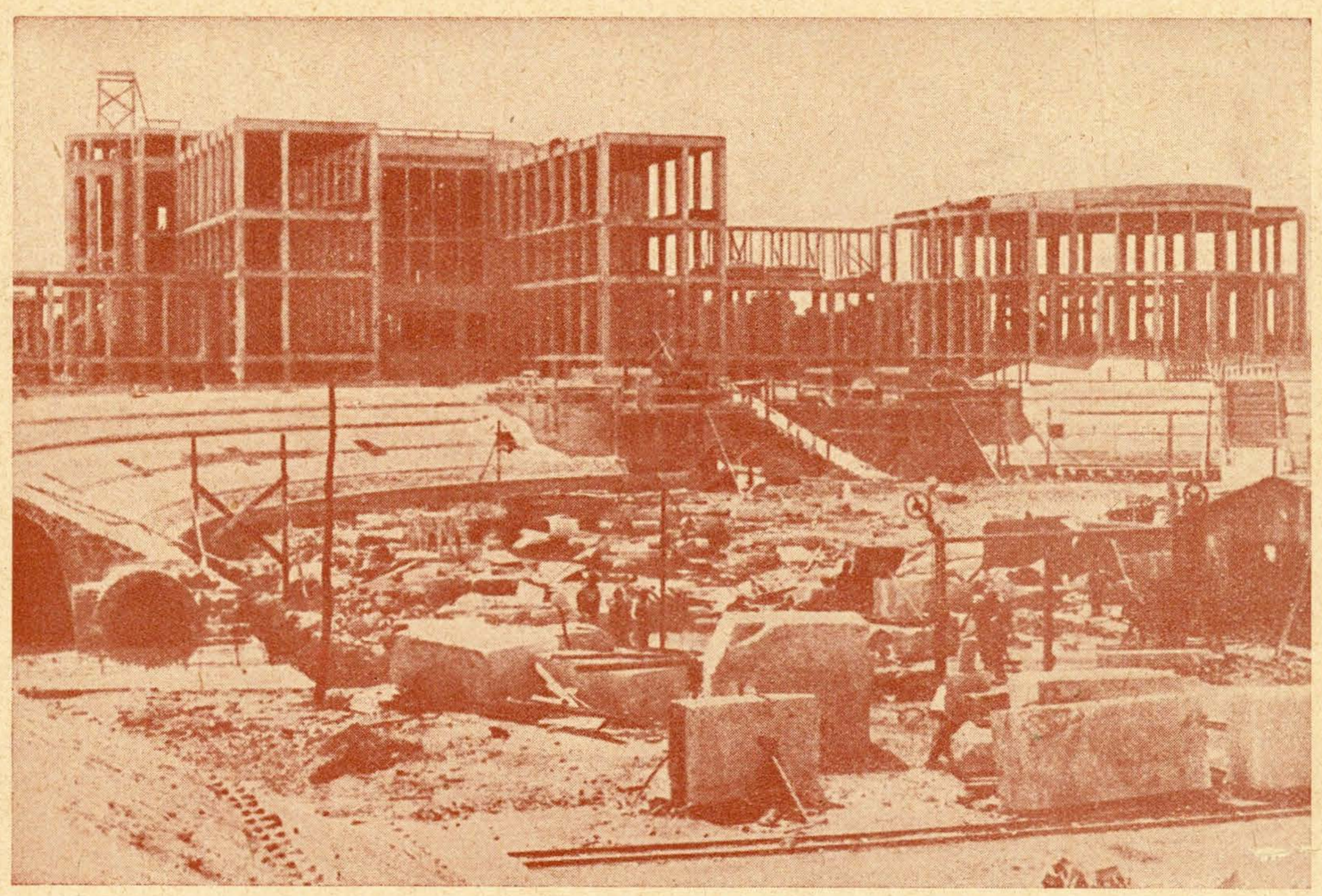
Estas secções ainda se subdividem noutras mais pequenas, dependentes das primeiras. Dos filmes que, a cada uma, compete, já, no artigo anterior, demos nota, e fastidioso seria tornar a enumerá-los.

Em toda a Itália, a cargo do Instituto «Luce», há 25 cinemas ambulantes.

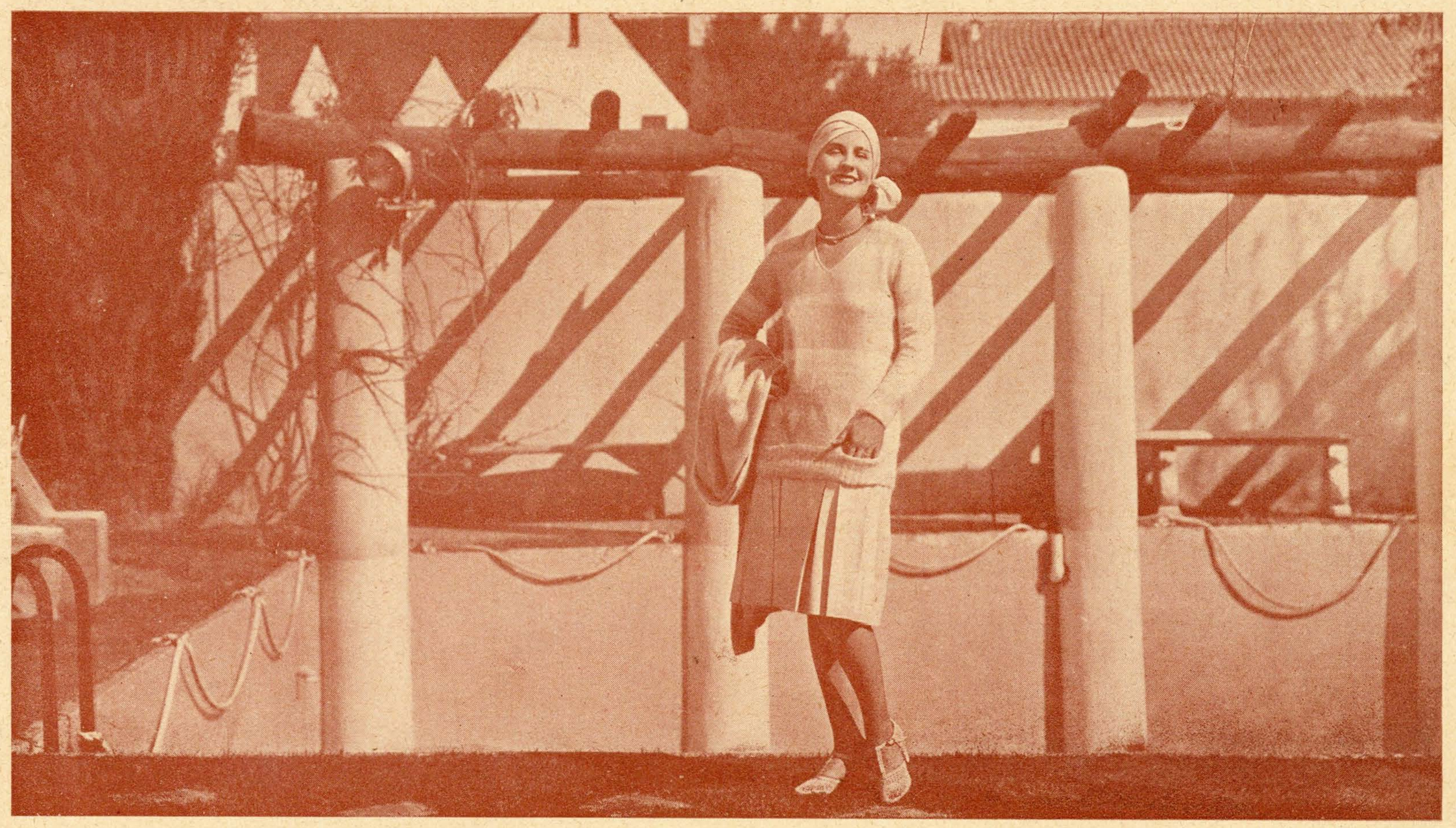
Dois camiões, um com a «cabine» e outro com o «écran», fazem projectar, perante numerosa multidão, todos os acontecimentos italianos, filmes cómicos ou dramáticos e actualidades.

A organização L. U. C. E. é tão perfeita que, em poucos minutos, se encontra a mais antiga fotografia de qualquer assunto; uma insignificante indicação dá lugar a havê-la imediatamente.

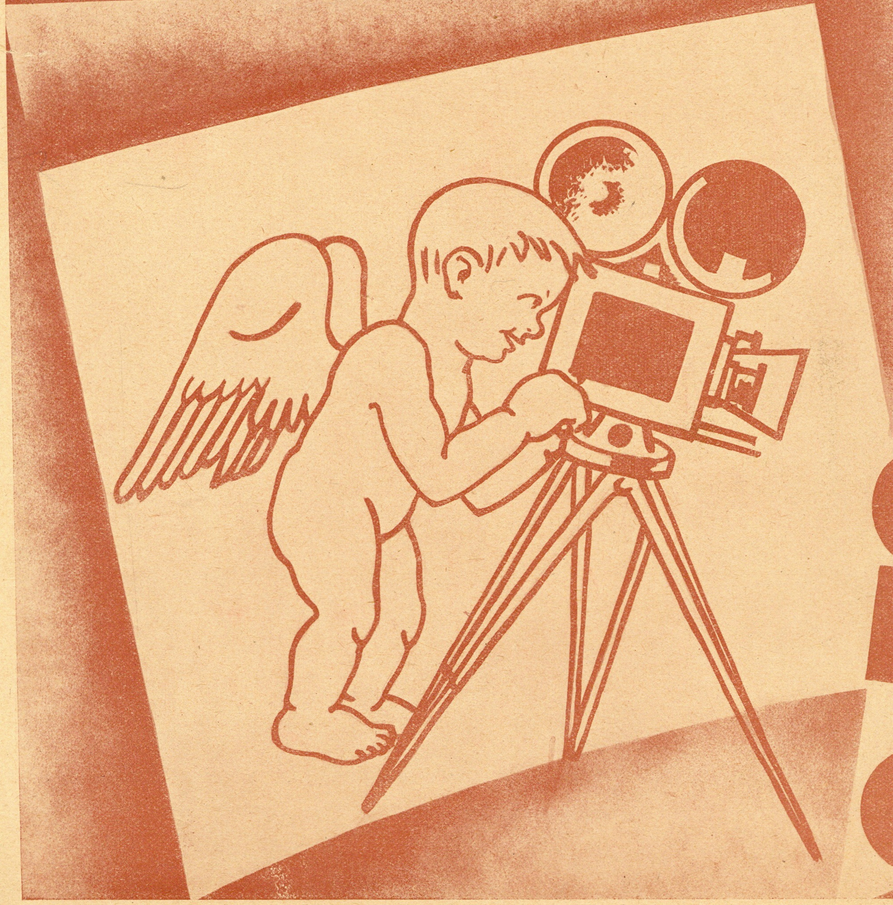
E, assim, terminamos o artigo sôbre o Instituto Nacional L. U. C. E., um grande elemento de propaganda e educação.



Os grandes trabalhos no "Fôro Mussolini" em Roma



A insinuante "estrêla" Norma Shearer junto da piscina onde diariamente pratica a natação, seu "sport" predilecto



O amor no cinema

Como eu assumi a direcção de um filme

Por
OLGA TSCHECHOWA

Olga Tschechowa, a grande e formosa vedêta alemã, de cinêma, deu-nos expontaneamente a honra da sua colaboração. Por nós e pelos nossos leitores, agradecemos sinceramente gratos, a deferencia da ilustre artista para com "Cinegrafia".

SEMPRE tive um grande desejo, ou, melhor, uma grande ambição: dirigir a montagem de um filme. Esse sonho, porém, consegui convertê-lo em realidade. Logo nos princípios da minha carreira cinematográfica tentei, por várias vezes, assumir a direcção de um filme; porém, era muito nova ainda e — porque não o confessar? — faltava-me a coragem... Seis anos, na Alemanha, de constante actividade cinematográfica, são um período bastante longo, e dêles resultou enraizar-se mais no meu cérebro a ideia que, havia tanto tempo, eu acarinhava. Realizar um filme, seduz. E' uma ambição que predomina em todos aquêles que se dedicam, que consagram a sua vida á arte do silêncio. Pelo menos, uma vez, o sceptro da «régie» havia de me pertencer...

Com o meu primeiro marido — Miguel Tschechoff, que veio da Russia como actor, para o teatro Reinhardt — entrou o meu intento em via de execução.

Quís um feliz acaso que, precisamente nesta ocasião, Karl Heinz Jerosy me trouxesse um manuscrito, inspirado na celebre peça «Poliche», de Henri Battaille. «Aqui está o argumento que precisávamos», dissémos — eu e Miguel Tschechoff — quási «una voce». Imediatamente começou a minha actividade de «metteuse-en-scène», contratando os artistas de que necessitava. Franz Planer foi incumbido da filmagem, e Andrej Andrejew da enscenação. Não foi sem dificuldades que se começou o primeiro dia de filmagem de interiores, no «atelier». As despesas tinham de reduzir-se ao mínimo.

Enquanto viver, lembrar-me-hei sempre do dia da minha estreia, como directora de filmes. Senti, ao entrar no «atelier», um enorme receio. Os encarregados da iluminação e do estudio olhavam-me com um sorriso irónico; os artistas — incluindo Miguel Tschechoff, que tinha confiança em mim — encaravam-me sorrindo com benevolência e descrentes do meu êxito. Entretanto, ao segundo dia, tinha triunfado. Desapareceram, da parte daquela gente, que trabalhava sob a minha direcção, as desconfianças e os sussurros de descrença, e a filmagem prosseguiu, entre grande entusiasmo.

Dois dias antes do praso previsto, tinha concluída a filmagem de interiores. Depois, fui a Paris, com o meu grupo de artistas, filmar os exteriores. Os dias de filmagem, no estudio, eram, para mim, duma enorme actividade. Pensava diariamente e constantemente nas faltas de luz, nas máquinas e nas lentes, nos meus artistas e em tudo quanto se referia ao cargo de que estava acometida.

Por isso, eu posso agora desculpar, com sinceridade, muitos directores de filmes, que me «apitavam», aparentemente sem razão. Só, quando estive no lugar dêles, eu vi como eram absolutamente necessários esses «apitos», que me irritavam mas serviram de lição...

Também, agora, vêjo bem porque razão os directores de filmes não gostam de contratar artistas estrangeiros. Não compreendem o seu idioma correctamente. Para mim não era isso que tornava dificil o meu problema, pois podia entender-me com os artistas — russos, alemães, franceses e italianos — falando-lhes nas respectivas línguas e tornando, assim, mais claro o meu pensamento. Dirigi, pois, o filme, que tem por título *Der Narr seiner Liebe (O louco do seu amor)*. Cortei-o, fiz a sua composição e entreguei-o á Terra-United Artists. Nos filmes seguintes, quero ser novamente actriz. Não se julgue, porém, que não quero dirigir outro filme; quero, sim, senhores. Tenho até o maior empenho. Mas, só depois de encontrar assunto que me tente e após ter descansado suficientemente do meu trabalho anterior e extenuante de realizadora.

Aqui damos hoje aos nossos leitores mais um grupo de encantadoras girls, repousando num curto intervalo de filmagem. Foto M. G. M.

filmagens na selva

Filmar scenas dramáticas em aldeias africanas com os seus próprios habitantes, além dos extras, enquanto os caçadores procuram manter á distancia leões entusiasmados ou crocodilos famintos; matar hipopotamos, usando a carne como isca, para atraír crocodilos a um poço artificial, a fim de serem filmados; entender-se com os selvagens em vários idiomas diferentes — tais são algumas das complicações que surgem quando se procura filmar um drama falado em plenas selvas africanas.

W. S. Van Dyke, que acaba de regressar dessas regiões, onde foi dirigir *Trader Horn*, trouxe uma história com mais emoções e romantismo do que a própria história do filme: a história da viagem de 24:000 milhas duma caravana deautomoveis a penetrar nas selvas, por caminhos que iam sendo abertos aos poucos, em lugares onde cruzavam enormes rinocerontes e exíguos pigmeus negros, êstes ainda mais perigosos, por serem peritos em atirar setas envenenadas; viveiros da terrível môsca «tzé-tzé», cuja mordedura produz a terrível doença do sono; e tudo debaixo de chuvas torrenciais tão fortes que são capazes de destruír, durante a noite, um acampamento inteiro.

Van Dyke está tam ocupado que tem recusado todas as entrevistas que lhe são solicitadas, mas algumas conversas rápidas a que lhe temos assistido, permitem-nos a reconstituição do que foi a sua permanência na selva africana.

— Decerto que havia perigo — diz o valente director, que se inflama de entusiasmo ao descrever os maravilhosos efeitos dos ceus africanos. — As nuvens africanas são as mais famosas do mundo. E que maravilha de nuvens! De repente, o céu escurece e aparecem as faíscas de um relampago; depois vem o estrondo de um trovão e imediatamente o firmamento abre-se numa imensa tromba de agua. Quem nunca esteve em Africa não pode calcular o barulho formidavel dos trovões e a fôrça da tempestade que cai com uma velocidade incalculável. Certa noite, tínhamos descarregado os «camions», para armarmos o nosso acampamento e, pelo meio da noite, todos acordámos sobressaltados com o barulho do estrondo de um trovão. Foi só o tempo de salvarmos o material, que de outra maneira iria dar ao rio, cheio de crocodilos. Não é que os crocodilos sejam tão perigosos como se costuma julgar; havíamos arranjado um rio artificial, onde era atraída uma porção dêles com a carne de hipopotamos. Todas as vezes que êles procuravam escapar, nós obrigavamo-los a retroceder, a chibatadas. Eles, na verdade, não são maldosos, mas é que sempre estão com fome, e o seguro morreu de velho... As grandes cobras «boas constrictor», são ainda mais temíveis, porque parecem galhos sêcos.

O uso dos naturais como artistas foi um problema, porque os Kenya, Uganda, Swahili, Zulu, Matabele e outras tribus de nomes arrevezados, têm, cada uma, o seu idioma diferente. Metade dos naturais tinha que servir de interprete para a outra metade. Era necessário improvisar os scenários no próprio lugar. Harry Albiez, que tinha a seu cargo todos êstes detalhes, tinha uma oficina completa montada sôbre um «camion». Frequentemente, *alugávamos* ao sultão uma aldeia inteira com todos os seus habitantes, para serem filmados. Mas muitos dos selvagens tinham de ser eliminados... mercê da sua escassa indumentária. Riano e Mutia, os dois naturais que vieram comnôsco, por serem necessários para o final da produção, nunca tinham usado fato nem calçado até á altura do embarque, em que se viram obrigados a êsse elementar índice de civilização. O mais engraçado foi quando chegaram a Nova York. A neve, que jámais tinham visto, amedrontava-os, e quási que morriam de mêdo ao vêr os electricos, os elevadores, os «tramways» subterraneos, e tantos outros motivos de curiosidade e deslumbramento.

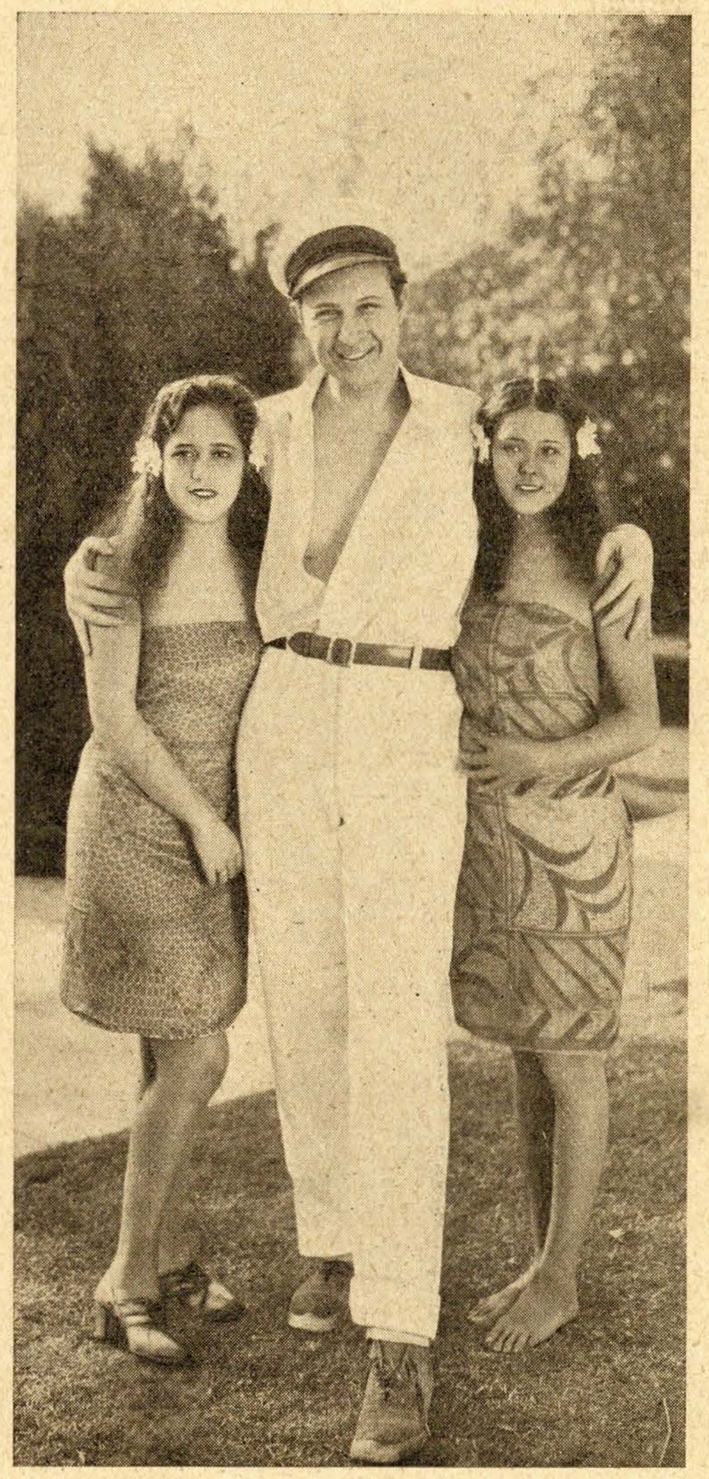
A viagem começou em Mombaça, onde toda a companhia, com Edwina Both, Harry Carey e Duncan Renaldo, ocupava os seus lugares na caravana composta de cem automóveis e «camions» equipados por George Kann, administrador da expedição. Um pequeno exército de trabalhadores indígenas acompanhava os trinta brancos que tomavam parte na caravana. A primeira étapa foi em Uganda, na província de Kenya. Aí a companhia jogava «golf» a três milhas de distancia de uma manada de elefantes selvagens. Nesse lugar havia casas que se pareciam com as residencias de Hollywood e policias africanos que andavam com os pés descalços. Quando a companhia quís visitar Murchison Falls, foi prevenida que jámais os brancos visitavam êste território, porque havia risco de adquirir a doença do sono. Mas, contudo, foram. As moscas picaram-nos a todos, mas como sómente uma entre milhares é que tem o germe da doença, e como esta só aparece dois anos depois, não se sabe ainda se algum membro da companhia a virá a experimentar. Pouco importa. Talvez a doença só apareça á noite, na hora de dormir...

A.

O SONORO EM PORTUGAL?

Dá-se como certa a muito próxima exibição, nos cinemas de Lisboa, das primeiras produções sonoras. O acontecimento assume uma importancia que se nos afigura inutil encarecer. O sonoro tem dado lugar ás discussões mais intensas e, enquanto uns o combatem energicamente, outros há — talvez a grande maioria — que defendem, com entusiasmo, a perfeição da sua técnica. Seja como fôr, o que é inegável é que á sua volta existe uma margem de curiosidade, bem compreensível, por se tratar de uma inovação que tanta celeuma tem levantado.

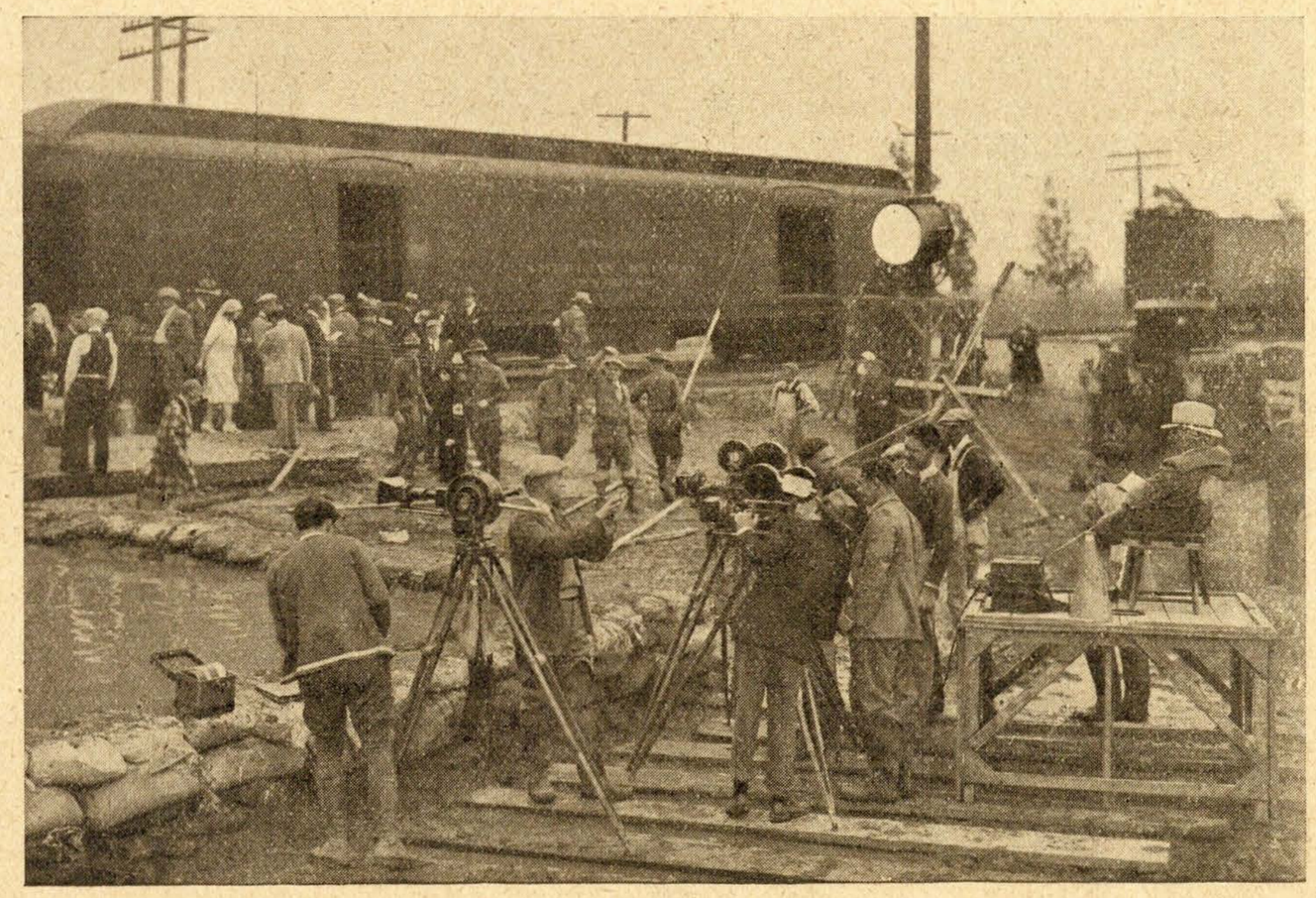
As gravuras que abaixo publicamos representam aspectos de três filmes sonoros da Metro-Goldwyn-Mayer, que, ao que se diz, em breve veremos nos *écrans* de Lisboa. Em baixo, um aspecto da filmagem de *Homens de ferro,* em que se vê Lon Chaney.

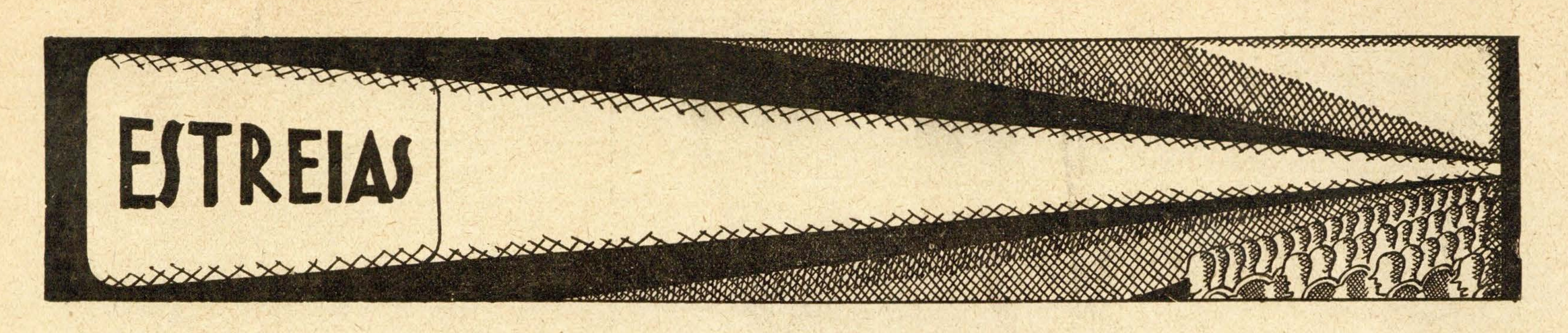


Na gravura ao lado, Monte Blue, gigantesco, entre Rena Buch e Raquel Torres, que nos surgem inesperadamente com a sua pele bronzeada. Assim aparecerão no filme *Sombras brancas,* que o realizador Van Dyke dirigiu para a M. G. M. Neste filme, de acção intensa, é sobremodo notável, para os que já viram e ouviram, a parte musical, elaborada com rara felicidade.

Em cima, um colossal banquete, scena do filme *Orquídeas selvagens,* com Greta Garbo. A scena foi filmada na ilha de Java, e ao fundo, na cabeceira da mesa, vê-se Greta Garbo, dando a direita a Lewis Stone e a esquerda a Nils Asther. A beleza e o interêsse dêste quadro, acompanhado da circunstancia de na interpretação figurarem aqueles três grandes nomes da tela, dão bem a nota do valor que esta produção nos promete.

Eis uma notícia que os nossos leitores lerão com justificada alegria, que não deixava, contudo, de ser esperada, depois da entrevista que, no nosso n.º 19, publicámos com Mr. Ballester, o actual gerente da filial, em Lisboa, da Metro-Goldwyn-Mayer.





OLIMPIA, Março, 11.

Piratas Modernos (Pirates Modernes) — Aqui está uma película do género aventuras, mas esplêndido, sob todos os pontos de vista, excepto um: o argumento é já conhecido: a implantação duma republica numa terra imaginária.

Tirando isto, o resto é magnífico.

Na interpretação, todos merecem elogios, especialmente Siegfried Arno, que se está fazendo notar pela sua admiravel maneira de actuar.

Os «gags» que emprega, são impagaveis. Reputo o seu trabalho neste filme como o melhor, dos que lhe tenho admirado. Simplesmente formidavel.

Em resumo, um esplêndido artista cómico.

A desditosa Marietta Milner, com os requisitos que possuía, seria, actualmente, uma esplêndida artista, se a morte a não tivesse arrebatado.

Este filme assim o prova.

Cony Bell, sedutora, mesmo lasciva. Jack Trevor, muito melhor que nos seus anteriores trabalhos. Jack Milong Munz, regular.

Acertada a realização de Manfred Noa. Scenários mal cuidados. Legendas, boas, de Chagas Roquette. Foto impecavel.

Por absoluta falta de espaço fômos forçamos a retirar esta crítica do numero anterior e a publicá-la hoje.

As nossas desculpas.

Março, 24.

Polo, o falso bandido (La Taverne de la Vie Borgne). — Esta película mostra-nos o velho Eddie Polo, revivendo os seus aureos tempos, em que era considerado, por assim dizer, o ídolo das plateias.

O argumento, duma sensaboria atroz, adapta-se admiravelmente ao não menos insípido desempenho daquele artista, se artisse lhe podemos chamar.

Francamente, já se vai tornando ridícula a apresentação de filmes dêste teor; já maça.

Nos tempos que vão correndo, em que realizadores meticulosos nos apresentam uma «Metropolis» grandiosa, um «Ben-Hur» majestoso, uma magistral «Multidão» e outros filmes de classe idêntica, é simplesmente lastimavel assistirmos á exibição de películas do género desta, absolutamente inverosímeis.

Dir-nos-hão que nem sempre se pode fazer obra grandiosa. Com efeito. Mas é preferivel produzir pouco mas bom, do que muito e mau.

E, além disto, há que ter tambem um pouco de consideração pelo nosso publico, que já possui uma cultura cinegráfica muitíssimo razoavel.

Joe Sun

SÃO LUIZ-CINE, Março, 18.

Tarakanova. — E' um filme que marca e afirma as qualidades do cinema francês.

Raymond Bernard, o animador da bela produção *O Milagre dos Lobos,* oferecenos, neste filme, por todos os títulos notável, provas do seu talento de realizador.

Tarakanova ganharia possivelmente, se fôsse menos longa; mas isso é sobejamente recompensado pelas scenas magníficas que possui.

Edith Jehanne, num duplo papel, conseguiu agradar plenamente. E', de facto, uma artista de grandes recursos.

Olaf Fjord, muito bem, e Kleinn-Rogge, embora sem se salientar, como nos papeis de *caracteristico,* correcto.

Boa fotografia e scenários excelentes. Legendas, correctas, de Carlos Abreu.

René Bohet ligou, brilhantemente, a orquestra ao filme.

Boneste

CONDES, Março, 19.

O filme *The Three Passions,* traduzido com o título de *As Três Paixões,* pode denominar-se de psicológico. Tem têse, uma tése aceitavel para uns, discutivel para outros.

Se o espaço de que dispômos nos permitisse uma extensa apreciação, não nos poupariamos a ela. Assim, acrescentaremos, ao que dissémos no parágrafo anterior, que o filme é bom, ou, melhor ainda, merece ser visto com atenção e interêsse.

Eis o argumento:

John Wrexham, o unico proprietário dos estaleiros de Wrexham, e um dos mais importantes construtores do mundo, fez-se á custa do seu próprio esfôrço. Começou a vida como simples operário, mas a sua tenacidade abriu uma larga estrada através o labirinto das ambições mesquinhas. Devido á sua extraordinário persistência, triunfou. A sua preponderante situação criou-lhe o título de visconde de Bellamont e a cadeira de par do Reino.

Casado com a filha de um aristocrata, criatura pervertida pelos costumes dissolventes de certa camada da alta sociedade britanica, John Wrexham vive unicamente para a sua Obra e para o seu filho, que está a cursar na Universidade de Oxford. Quere o industrial que seu filho, concluídos os estudos, se dedique á fábrica, mas o rapaz dá em frequentar a Igreja Anglicana, e, sincero como é, bem depressa compreende que não foi talhado para a atmosfera febril dos negócios. Sua mãe, a desregrada Lady Bellamont, é um triste exemplo da constituição da família, naquele meio pervertido. Philip Wrexham renunciou aos prazeres mundanos, á riqueza, á ambição. Vai ser padre. O pai fica desolado e encarrega a noiva, Lady Victoria Burlington, de o dissuadir do seu propósito... Porque há uma paixão ainda mais forte que a do Dinheiro e que a da Religião, o Amor.

Stayle Garner, interpreta magistralmente o papel de «John Wrexham», com expressões e gestos magníficos.

Alice Terry, é a encantadora rapariga que provoca uma das *Três Paixões:* o Amor. Soberba no papel de «Lady Victoria Burlington».

Yvan Petrovich, impecavel naturalidade no «Philip Wrexham».

Clara Eames, é tão perfeita e natural no papel que lhe coube de «Lady Bellamont», que consegue irritar a plateia, a ponto de o publico ter uma sincera explosão de entusiasmo no momento em que ela é esbofeteada pelo marido.

Os restantes personagens auxiliam, cuidadosos, o belo efeito do desempenho.

Realização, magistral, de Rex Ingram. Fotografia, nítida. Scenários, muito bem escolhidos. Legendas, muito correctas, de Carlos Abreu. Versão cinematográfica do romance do mesmo título *(The Three Passions),* de Cosme Hamilton.

O Club dos Solteirões, foi o outro filme estreado. E' uma comédia em sete partes, que se vê com interêsse.

Richard Talmadge (Ricardito) é o filme. Os seus saltos, a sua acrobacia, sobejamente conhecida, é uma guloseima nova que o publico espera a cada scena que se projecta no «écran».

Fotografia, nítida. Scenários, vulgares. Legendas, correctas, de D. Maria do Vale.

Chaves, foi um documentário daquela cidade também exibido. A fotografia está boa e os assuntos bem escolhidos.

Orquestra: Vai melhor. Repetiu demasiado a «Polonaise em lá», de Chopin. Não deve insistir tanto na mesma peça. Há tantas e tão bonitas musicas, para variar!

T. C.

ODÉON, Março, 19.

Tal vez que o lugar que a má sorte nos proporcionou para assistir a êste programa tivesse contribuído para a menos agradavel impressão que êle nos deixou. Mas a urgência do tempo não nos deixou oportunidade para rectificarmos — se houvesse lugar á rectificação — o juizo que fizemos inicialmente.

A Mulher Divina era o grande atractivo. Um filme com Greta Garbo não precisa de ter mais, seja o que fôr, a recomendá-lo. Pois não vimos neste trabalho da grande artista sueca a sua *maneira* habitual, a sua especial característica, de que só Greta Garbo tem sabido mostrar-se capaz. O seu trabalho é todo êle, de início até final, orientado e sentido por uma enorme impressão artística. Isso é inegavel. E' um trabalho de grande valia, até mesmo para Greta Garbo. Mas o assunto escolhido para o filme e a interpretação das restantes personagens, fizeram-nos não categorizar *A Mulher Divina* entre os grandes filmes de Greta Garbo.

Lars Hanson, o artista sueco, que já temos visto actuar em algumas produções europeias, apareceu-nos agora num papel cheio de humanidade, que a sua figura apaga um tanto.

A realização — a cargo de outro sueco, Victor Seastrom — não foi descuidada, se bem que nada nos mostrasse digno de grande reparo.

Em todo o caso, como se trata de um filme de Greta Garbo, o publico levou a empresa a decidir pela segunda semana de exibição.

No mesmo programa exibia-se *O Rei dos Reporters,* um filme da M. G. M., com William Haynes e Anita Page. E' uma comédia com situações interessantes, umas vezes bem preparadas, outras traçadas um pouco artificialmente. Mas é, no seu género, um trabalho de valia. Tem o grande mérito comercial de versar um tema das grandes simpatias do publico, que simpatisa com o facto de se sentar no seu «fauteuil» e vêr.

Uma farça curiosa — *Dia de eleições* — com a conhecida *Pandilha;* um documentário nacional e as costumadas Actualidades preenchem o programa.

Cinégrafo

POLITEAMA, Março, 20.

O Filho do Outro. — Voltando a explorar cinema, estreou esta casa de espectáculos uma nova produção russa, cuja exibição se aguardava com interêsse. Não foi êste inteiramente iludido, porquanto, se o *Filho do Outro* não tem a envergadura de *Ivan, o Terrivel,* de *Tempestade na Asia,* ou ainda de *A Mãe,* é, contudo, um bom filme.

O argumento é um pouco árido, não consentindo grandes vôos. Bem realizado, por Tscherwjakon, nada de novo apresenta.

Destacaremos, como interessante, o «duo» das velhas.

No desempenho: Anna Sten é, incontesta-

velmente, uma boa actriz, e Gennadiz Mitschurin consciencioso. Fotografia regular.

A Carne é Fraca. — A história já explorada, de um homem austero, que a beleza diabólica duma mulher consegue enfeitiçar, roubando-o ao cumprimento dos seus deveres, constitui, também, o argumento desta produção Markus Film-Berlin.

Agnès Petersen, uma formosa artista, foi a *mulher*, que representou com justeza.

Josef Rovenska não nos agradou completamente, no papel difícil que lhe coube.

E' um bom actor, tem máscara poderosa e jogo histriónico, mas preocupou-se em imitar Janings...

Realização vulgar, de Cost Lamac. Fotografia regular. *San.*

TIVOLI, Março, 24.

Primeiramente, a síntese do filme estreado hoje com o título de *O Mascarado (Two Lovers):*

E' uma evocação das lutas que ensanguentaram a Flandres no século XVI, entre o invasor e o povo oprimido. A cidade de Ghent é o baluarte do Principe de Orange, o «Libertador», que tem como fiel paladino «O Mascarado», um homem misterioso, que escapa a todas as perseguições. De um lado, as conspirações; de outro, as atrocidades praticadas a mando do Vice-Rei. Este, precisa das provas de traição dos habitantes para saquear e arrazar a cidade, e decide fazer um casamento com fins políticos. A sorte dos conspiradores está, pois, nas mãos de uma mulher... sua sobrinha, a quem impõe como marido o filho do Burgo-Mestre da cidade invadida.

E' um filme com espias, facas, punhais, subterraneos, perseguições e tudo quanto possa interessar a um romance de aventuras, dividido em capítulos. Termina com a mulher que se arrepende e o infalivel beijo de amor.

Realização: sem provocar entusiasmo, de Fred Niblo. Fotografia, irregular; os «grôs plans» desfocados.

Interpretação: Ronald Colnan e Vilma Banky, muito bem, tão bem quanto lhes permitiam os papeis que lhes couberam.

Os restantes artistas, compondo, de acôrdo com as rubricas dos papeis que lhes distribuiram.

Scenários, adequados. Legendas, correctas, de Carlos Abreu.

Orquestra: incerta. A «prima» do violino irritava-se, por vezes, e obrigava a desafinar. *T. C.*

CENTRAL-CINEMA, Março, 24.

Volta!... Tudo está perdoado!..., é uma comédia inofensiva, que se vê sem enfado. Dina Gralla mostra-nos, uma vez mais, a facilidade que põe neste género de papeis. E' bem a mesma Dina Gralla que vimos em *A empregada da caixa n.º 12* — alegre, frívola, encantadoramente quási leviana. Erich-Shonfelder dirigiu, com acêrto, esta produção para a Ufa.

Augusto Genina, que nos tem proporcionado alguns trabalhos cinematográficos de real valor, transladou agora, para o *écran*, *A Migalha*, de Dario Nicodemi. Fê-lo com a costumada felicidade, e encontrou em sua mulher, Carmen Boni, uma interprete cheia de realidade e ternura.

Carmen Boni sabe ser criança, sabe ser mulher. Uma criança e uma mulher que se mantêm, através de todos os rijos aguaceiros da vida, numa ingenuidade singelíssima. A seu lado, Lívio Pavanelli, um actor que ainda nos não forneceu um trabalho credor da nossa admiração, merece, contudo, a nossa simpatia. Lia Christhy — uma linda mulher já próximo do outono. Não é uma flôr, mas deve ser um saboroso fruto... Hans Junkermann, correcto e conformado.

Um programa de oito dias no Central. O facto faz a crítica. Aceitêmo-la.

Cinégrafo

SÃO LUIZ-CINE, Março, 25.

O Cadete de West-Point. — Têm passado, ultimamente, nas nossas telas, com uma certa frequência, filmes americanos cuja acção se desenrola á volta da vida colegial.

Constitui o maior defeito destas películas o facto de se assemelharem muito entre si, pois são realizadas por um processo, espécie *standard*, com o inevitavel heroi, e o indispensável *match* final, de cuja sorte aquele decide, conseguindo assim, definitivamente, o coração daquela por que se apaixonou.

Necessário é, pois, para que um filme dêste género triunfe, que o distingam qualidades excepcionais de realização.

Tal não acontece com *O Cadete de West-Point.* A acção arrasta-se demasiadamente, e se não fôra alguma scena mais aparatosa, êste filme seria em tudo banal.

William Haynes é um bom actor, que se desempenhou acertadamente.

Joan Crawford tem um pequeno papel, onde pouco pode brilhar.

San

BOVRIL

É

o reconstituinte preferido, recomendado pelos médicos mais abalizados.

E infalível em todos os casos de anemia, convalescença e fraqueza geral.

Vende-se nas Farmacias Drogarias, Mercearias, Pastelarias, etc.

Agentes em Portugal

A. L. SIMÕES & PINA L.DA

Rua das Flôres, 22

LISBOA

CONDES, Março, 26.

Maurice Dekobra viu o assunto do seu livro *Mon Coeur au Ralenti*, levado para o cinema, numa optima versão e realização.

Mon Couer au Ralenti, traduzido para português *O Meu Coração ao Ralenti*, é um filme cujo argumento é já conhecido pela maioria do publico, entretanto, para aquêles que ainda não leram o livro ou o ouviram contar, não queremos deixar de o publicar, muito embora resumido, quási em síntese.

Gérard Dextrier, um francês, parte para a América, a tentar fortuna.

Num «bar» da cidade baixa, o emigrante encontra um personagem misterioso, o conde Alfierini, que lhe propõe um estranho contrato: «Preciso de um homem que me obedeça sem discutir. Se não confia em mim, volte para trás... ainda é tempo. Senão, será, de hoje em didante, o principe Séliman».

Gérard aceita a proposta, e, investido de sua nova personalidade, é apresentado á senhora Turner, viuva de um industrial multimilionário, por quem fica vivamente apaixonado. Por seu lado, a viuva experimenta uma dôce simpatia pelo principe.

Outros interesses, porém, estão em jogo. Por um lado, o conde Alfierini, cobiçando os milhões Turner para fins políticos; e Evelyn e sua mãe, (a filha e a primeira mulher do argentário), ávidas de receber a grande fortuna, que um estranho testamento de Turner não decidia por nenhuma das partes interessadas...

Olaf Fjord, interpretou maravilhosamente o papel de Gérard Dextrier.

Annette Benson, Choura Milena, Philippe Hériat e Janova, os restantes artistas, muito certos, sem exageros, nos papeis que lhes distribuiram.

Realização, perfeita e cuidadosa, de Marco Gastyne. Fotografia, muito boa. Scenários, bem escolhidos, merecendo destaque alguns exteriores. Legendas, correctas, de D. Maria do Vale.

A palavra *ralenti*, além de não ser portuguesa, é desconhecida pela grande maioria do publico. Muito embora ela seja usada no meio automobilístico, não deveria isso servir de base para a aplicar.

Não concordamos, em absoluto, com a tradução feita ao título.

O *Rapto da Criança* é uma comédia-farça, muito americana nos exageros. Entretanto, vê-se com muito agrado e interêsse.

Muty Banks (Pafuncio), é a comédia propriamente dita. Fotografia, boa. Legendas, muito correctas, de Carlos Abreu.

Orquestra, razoavel.

T. C.

POLITEAMA, Março, 27.

Noites de Principes. — Como é do conhecimento dos nossos leitores, provocou êste filme grande discussão entre o seu realizador, Marcel L'Herbier, e o autor do romance de onde foi extraído — Joseph Kessel. E quando melhores referências não trouxesse, isto bastava para que se aguardasse com interêsse. L'Herbier, muito embora não tenha seguido com fidelidade o romance — o que não sabemos se representou um bem ou um mal — conseguiu dar-nos um filme que reputamos bom.

Para o publico — e para quem havia de ser? — foi feito êste filme, que conseguiu agradar.

E não se diga que lhe mingua valor. As suas scenas são perfeitas, correctas, por vezes admiraveis, e a sua montagem acertada.

No desempenho, Gina Manés, é uma grande artista, de muitos recursos, que encarna com saber o seu papel. Jacque Catelain tem, em *Vassia*, a sua melhor interpretação; foi excelente. Nestor Ariani, muito bem.

Fotografia muito boa.

A orquestra não valorizou êste filme como seria para desejar. Fazemos votos para que, de futuro, assim não suceda.

(Continua na pag. 23)

CORRESPONDENCIA

PSAMETICO III — Só o n.º 8 e do 11 em diante. Preço normal. A' primeira, pode escrever para o teatro do Gimnásio; á segunda, para M. G. Mayer Studios, Culver City, California.

ADAMASTOR — *Porto* — Recebemos os seus desenhos e agradecemos. Só dois serão publicados, a seu tempo. Em papel quadriculado não serve.

UMA VALENCIANA — *Valença* — Obtem, sim, minha senhora. Escreva em inglês. Quem não pretenderá corresponder-se com uma morena valenciana?! Mande a direcção e verá as cartas que recebe.

ANT. HORTA — Esqueceu-se mandar o numero da porta. Escreveu só, R. da Rosa, e o resto ficou no tinteiro. Mande, que publicaremos o anuncio, que fará o favor de repetir.

FERNANDO PINTO—*Lisboa* — A sua poesia «singela e simples», como o senhor diz, cá fica á espera de vez.

MANUEL CLARO MORTE — *Vila Real* — Não fazemos capas. Aguardamos novos desenhos, que publicaremos logo que nos seja possivel.

ZECA — Interpretou os filmes: *Oh! Doutor, Boxeur Aristocrata, Onde é que eu estava?, Entre o Amor e o Dever; O Libertino,* etc. Universal Pictures Studios, Universal City, California.

RATCHA II — 1.ª, Charlot; Merna Kennedy, Harry Crocher, Allan Garcia, Henry Bergman, Shuck Reisner e George Davis. 2.ª, Não, senhor. O *Crepusculo da Glória* é o filme *A Ultima Ordem.*

ADORO UMA LUISA — *Angra de Heroismo.* — Muito agradecidos pelas suas amabilíssimas palavras. A direcção da artista sua preferida é: Dahlem, Im Winkel 5, Berlin. Escreva em francês ou inglês.

JOSE' FRANCISCO MADEIRA — *Estremoz* — O N.º 9 está já esgotado, por isso, os selos ficam á sua disposição.

M. LEONOR — *Porto* — Ivan Mosjouskine: Berlin W. Kurfürstenndamm 195. Acede, sim, minha senhora. Pode escrever em francês.

entre leitores

HENRIQUE V. NUNES (Filho) — *Vivenda Chaves, Caparica* — Compra os n.ºs 1, 2 e 3 da nossa revista.

LUIS MORAIS — *R. Andrade, 48, 5.º, Lisboa.* — Pretende vender os n.ºs 5 e 7 a 15.

CAROL — *R. Pascoal de Melo, 73, Lisboa.* — Vende o n.º 3, pela maior oferta.

ERNESTINA MARQUES — *1.ª Div. dos Serviços de Exploração Electrica. Adm. Geral dos Correios e Telegrafos. R. de S. José, 18, Lisboa.* — Vende, a 2$00 cada numero da *Cinegrafia,* até ao n.º 22, com excepção dos n.ºs 2, 4 e 5.

MANUEL LOPES DOS SANTOS — *Torres Novas.* — Pretende trocar correspondência sôbre cinema. A' primeira leitora que lhe escreva, oferece 3 fotos-postais, de artistas.

F. GOMES — *R. Rodrigues Sampaio, 16, 1.º, Lisboa* — Muito agradecidos pelas suas amáveis palavras. Oferece 5 programas dos filmes *A Mãe, Looping the Loop, Idolatria, Anny de Montparnasse, Yate dos Sete Pecados, A Pomba e o Tigre* e *O Contrapeso da Família,* em troca de 4 postais de artistas ou uma foto autografada. Continua, também, oferecendo estampas de artistas, entre elas, a de Rosa Maria, a quem lhe ceda os n.ºs 1, 2, 4 e 9 da *Cinegrafia.* Participa que recebeu uma foto de Rosa Maria no vigésimo quinto dia do pedido.

JOSE' M. CASTELA — *Torreiro do Mendonça, 13, Coimbra.* — Vende ou troca por fotografias de artistas (não formato postal) os n.ºs 8 a 12, 14, 15, 17 a 21, da nossa revista. Por cada foto, cede três numeros, ou vende a 2$50 cada.

L. P. S. — *R. Santo Antonio, 103, Algarve.* — Oferece uma foto 20×28 de William Boyd a quem lhe enviar os n.ºs 7 e 9, da *Cinegrafia.*

LUIS F. BARREIROS — *R. 5 de Outubro, 476, Porto.* — Pretende comprar os n.ºs 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 da nossa revista e saber se os leitores que escreveram a Greta Garbo, May Mac Avoy e Pola Negri obtiveram resposta, e quanto tempo ela demorou. 1.ª, M. G. M. Studios, Culver City, California; 2.ª, Warner Brothers Studios, 5842, Sunset Boulevard, Hollywood, Calif; 3.ª, Klaptockstr. 20, Berlin, 23. Em inglês para as duas primeiras, e em italiano ou francês para a ultima.

CARAB EDNEZER — *R. Arco Marquês do Alegrete, 4, Lisboa.* — Agradecidos pelas suas amabilidades. Pretende comprar, entre 3$00 e 4$00 os n.ºs 1 e 2 da *Cinegrafia.*

FRANCISCO FERNANDES DE ABREU — *R. D. João I, 80, Guimarães.* — Vende os n.ºs 2 e 3, a 2$50 cada.

FRANCISCO ESPIGA PEIXEIRO — *L. do Castelo, Covilhã.*—Vende, por 60$00, os vinte primeiros numeros da *Cinegrafia.*

ANT. HORTA — R. da Rosa. — Leia a outra secção.

JORGE C. GODINHO — *Praça do Bocage, 100, Setubal.* — A quem lhe mande, por carta registada, 12$00, envia os n.ºs 1, 2 e 3 da *Cinegrafia.* Ao fim de 46 dias recebeu uma foto de Artur Duarte e Dorothy Boothby. Jenny Jugo: Berlin, Halensie, Kurfuerstendam 152. A sua fotografia virá oportunamente.

RAMON AMANTE — Queira dizer o nome, para publicarmos o que pretende.

MANUEL LOPES DE BRITO — *R. das Parreiras, 30, Coimbra.* — Oferece um album com 300 fotos de artistas ou livros e «magazines», a quem lhe mande os n.ºs 1 a 13, da nossa revista.

MARIO FERREIRA DIAS — *R. da Madalena, 192, s.-l., Dir., Lisboa.* — Muitos *mercis* pelas palavras amaveis que nos envia. *Cinegrafia* completa um ano no dia 18 de Abril e com o próximo numero. Não senhor, por enquanto não pensamos em editar capas. Lá chegará a vez dos «astros». Êste nosso amavel leitor compra os n.ºs 1, 2 e 3 pela melhor oferta.

ANTONIO H. F. CHAVES — *R. José Falcão, 3, 1.º, Dir., Lisboa.* — Vende os n.ºs 7, 8, 11 e 12. Pede ofertas de preço até ao dia 19 do corrente.

Betty Bird, na nova produção de Luiz Trenker, para a Hom-Film "Die Heiligen drei Brunnen„

DISTRIBUIÇOES

O ANJO DA RUA — *(The Street Angel)*

Real.: — Frank Borzage — *Prod.:* — Fox-Film

Katherine Emerson	Norma Shearer
Nicolas Wentworth	Lew Cody
Dick Wayne	William Haines
Mme. Emerson	Mary Carr
M. Emerson	James Corrigan
Sophie	Vivian Ogden
Madeline	Miss Du Pont

A ESCRAVA DA MODA — *(A Slave of Faschion)*

Real.: — Hobart Henley — *Prod.:* — Metro, 1925

Angela	Janet Gaynor
Gino	Charles Farrel
Carabinei	Alberto Gabagliati
Rio	Guido Trento
Masseto	Henri Armetta
Beppo	Louis Liggett
Bimbo	Milton Dickinson
Andrea	Helen Herman
Nina	Nathalie Kingston

INDICE ALFABETICO
DOS
ARTISTAS CINEMATOGRAFICOS

(Continuação do número anterior)

ELZA TEMARY — Budapest (Hungria) — *A sua maior paixão, Autobus n.º 2, Parce que je t'aime (Idolatria)*, etc.—Terra-Film, Kochstrasse, Berlin S. W. 68.

EMIL HEYSE — *Bigamia, Os dois irmãos*, etc — per Adr. Ufa, Kochstrasse 6-8, Berlin S. W. 68.

EVA BROOKE — Treborough House, Gt. Woodstock Rd. W. 1, Londres.

EVA LLEWELLYN — 39, Gloucester Gdns. S. W. 2 Paddington 494. Londres.

EVA ROWLAND — 168 Alexandra Road, Saint John's Wood, N. W. Londres.

EVE MARCHEW —92, Charlotte Street W. 1. Londres.

EVELYN BRENDT — c of Sydney Jay, Palace House Shaftesbury Avenue, W. 1. Londres.

EVELYN BRENT — 1899. Natural de Tampa, Florida. Verdadeiro nome: Evelyn Betty Riggs. Casada, em segundas nupcias, com o empresário B. P. Fineman. — *Beau Sabreur, Vidas Tenebrosas, Crepusculo de Glória, A Ultima Ordem, Interferência, Noite de Mistério, Broadway, A Rusga*, etc. — Obs.: Entrou para o cinema em 1914, e era então dansarina. Olhos escuros e cabelos escuros. Paramount Famous Lasky Studios, 5451, Marathon Street, Hollywood, California.

EVELYN HOLT — Nasceu em Berlim, a 3 de Outubro de 0000 — Berlin-Charlottenbourg, Schilerstrasse, 121.

EVI EVA — Berlin-Wilmersdorf, Badenschstrasse, 13.

F. CREMLIN — 5, Montem Road, Forest Hill S. E. 23.

FALCONNETTI — *A Paixão de Joana d'Arc*, etc. — 32, Avenue des Champs Elysées, Paris (VIII).

FARMER SKEIN — Cartlon House, Kew Green Kew. Londres.

FAY COMPTON — c of Gaumont Co. Ltd. Deuman St. Piccadilly, Londres, W. 1.

FAY WRAY — *A Rua do Pecado, O Primeiro Beijo, A Marcha Nupcial, Os Pilotos da Morte (Legião dos Condenados)*, etc. — Paramount Famous Lasky Studios, 5451 Marathon Street, Hollywood, California.

FILIPE DE LACEY — *A Tortura da Carne, Elegia, O Principe Estudante*, etc.—c of The Standart Casting Directory Mc. 616 Taft Building, Hollywood Boulevard, Hollywood, California.

FLORA LE BRETON — 34, Nevern Square S. W. 5 Londres.

FLORENCE INGRAM — 90 a Lexham Gardens, Kensigton W. 8. Londres.

FLORENCE NELSON — 23, Danelagh Mansions, Hurlingham S. W. 6. Londres.

FLORENCE VIDOR — Nasceu em Houston (Texas), em 23 de Julho de 1895. Casada com o violinista Jasha Heifetz. — *O Patriota, Esposas Modernas, Nupcias de Odio, A Gran Duquesa e o Criado, O Capitão Sezarak, Tempestades e Bonanças, O Corsário Lafite, Com Mêdo de Amar, Amor sem Rumo, O Principe das Gondolas*, etc. — Paramount Famous Lasky Studios, 5451 Marathon Street, Hollywood, California.

FRANCE RISTORY — 3, Square La Fontaine, Paris (Ul)

FRANCESCA BERTINI—Natural de Florença (Itália), onde nasceu em 1891. Verdadeiro nome: Helena Vitielle. Casou-se em 1920, com o literato francês Paul Cartier. — *A Mão Aveludada, O Fim de Monte Carlo, Odette, Os Sete Pecados Mortais, A Dama das Camélias, Tosca, Frou-Frou, Acima da Lei, Marion, Madalena Ferrat, A Condessa Sara*, etc. — 82, Rue Charles Laffitte, Neuilly-sur-Seine (Seine).

FRANCIS FORD — c / of The Standart Casting Directory, Mc., 616 Taft Building, Hollywood, California.

FRANCIS MASTIN — 12, Rue Plantin, Paris.

FRANCIS X. BUSHMAN — Nasceu em Norfolk (Virginia), em 10 de Janeiro de 1885. — Obs.: O *X* do sobrenome quere dizer Xavier. — *Ben-Hur*, etc. Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, California.

FRANK CRANE — (Realizador) — 51, Westminster Mansions, Litle Smith Street, Londres, S. W.

FRANK DANE — 18, Claremont Road, St. Margaret's Twicjenham. Londres.

FRANK GREGORY — 107, St. Albans Avenue, W. 4 Square W. C. 1. Londres.

FRANK STANMORE — 53, Chandos Street, Londres.

FRANZ BAUMANN — Berlin N. W. 6 Karlstr. 16, Alemanha.

FRANZ LEDERER — Berlin-Friedenau, Fehlerstr. 4.

FEBO MARI — Berlin-Charlottenburg, Niebuhrstrasse 5.

FELIX DE POMES SOLER — Natural de Espanha. — *A Noiva do Contrabandista de Maiorca*, etc. — Berlin W. 30, Barbarossa Str. 41.

FERDINAND VON ALTEN — Berlin-Lankwitz, Schmarzhofbergerstr. 2.

FERNAND FABRE — *Dr. Knock, L'Apassionata, Paris Girls, La Femme du Voisin, O Colar da Rainha*, etc. — 25, Rue Saint Vicent de Paul, Paris (Xe.).

FERNAND WEILL — 9, Boulevard des Filles du Calvaire, Paris (IIIe).

FRED DÖDERLEIN — Natural de St. Avold, onde nasceu em 24 de Abril de 0000. Berlin-Charlottenbourg, Kantstr 120-12.

FRED GROVES — 10, Piccadilly Chahmbers, W. 1. Londres.

FORD STERLING — *Perdida em Paris, O Tio Milionário, Felicidade Destruída.* — First National Studios, Burbank, California.

FOTHRINGHAM LYSONS — 10, Talgarth Mansions, West Kensengton W. 14, Londres.

FRED-LEROY GRANVILE — (Realizador) — Whitehall Elstres, Londres.

FRED MORGAND — 18, Emmanuel Road, Balham S. W. 12. Londres.

FRED PAUL — (Realizador) — c of British Super Films, Worton Hall Isleworth. Londres.

FRED THOMSON — Nasceu em Pesadena (California), a 28 de Maio de 1890. Era casado com a conhecida scenarista Frances Marion. Faleceu em 25 de Dezembro de 1928. — *Um Rapaz de Carácter, O Vagabundo, A Recordação da Mãe, A Medalha dos Escoteiros, Canalha Perigosa, O Protegido de Fred, Fred o Atirador, Fred Operador, Fred e os Indios, Fred o Vencedor, O Invencivel Jesse James, Galope Diabólico, Fred Rico Mexicano*, etc.

FRED WRIGHT—The Copse West Drayton, Londres.

Postais de cinema
a
$80
Fotografias 18×24
a
4$00
SEMPRE NOVIDADES
145, Rua da Palma, 147

de todo o mundo

Dizem de Londres que se prepara a elaboração de um filme que, pelas circunstancias especiais em que será realizado, merece uma referência áparte. A ser verdadeiro o informe, e a chegar êle a realização, trata-se, de facto, de um acontecimento interessante pelo seu carácter inédito.

Nem mais nem menos que a produção de um filme internacional. Como não podia deixar de ser, para se lhe acrescentar o qualificativo internacional... *trata-se de uma produção falada, porque internacionais são todos os filmes mudos, e nunca houve necessidade de lhe acrescentar o acessório.*

No filme, que teria o título Hello Europa!, *ouvir-se-ia, em scenas sucessivas, falar inglês, francês, alemão, italiano, espanhol e sueco.*

Não pode deixar de ser lamentada a falta de atenção que continua sendo tributada a tudo o que se refere a Portugal. E dizemos falta de atenção, porque não acreditamos que seja ignorada a existência da língua portuguesa, que se fala em todo o nosso território metropolitano e colonial e, ainda, no Brasil.

ALEMANHA

— *Die Tirma heiratet* é a produção 100 p. c. sonora que a Terra-Film, de Berlim, está actualmente realizando, sob a direcção de Karl Wilhelm.

— Na penultima semana realizou-se a estreia de *Liebe im Ringe,* em dois salões de Berlim, o «Universum» e o «Mozartsall». Nêste filme, os principais papeis são interpretados por Olga Tschechowa, Max Schmeling, Renato Müller, Kurt Gerron e Frida Richard. Nêste filme estreou-se, como actor de cinema, o nosso popular «boxeur» José Santa (Camarão). Reinhold Schünzel foi o director.

— *Radetzkymarsch* é o título de uma nova produção sonora que a Aafa, de Berlim, vai realizar.

— O importante diário de cinema, *Lichtbildbühne,* que se publica em Berlim, acaba de pôr á venda o «Reichs Kino Adressbuch 1930»; êste interessante anuário insere, além da direcção de todos os artistas alemães da tela, optimas gravuras dos mais importantes actores cinematográficos. Muito agradecemos o exemplar enviado.

AMÉRICA

O próximo filme de Gloria Swanson será uma comédia de grande comicidade, *Que viuva!*

— Acaba de ser apresentado no teatro Carthay, de Hollywood, um grande filme — 100 p. c. colorido, 100 p. c. sonoro e sincronizado — com o título *Felizes Dias (Happy Days),* cheio de curiosíssimas inovações técnicas.

— A Paramount já acabou a filmagem de *Hightly Scarlet,* que tem nos dois primeiros papeis Evelyn Brent e Clive Brook. O assunto da fita passa-se na França. Louis Gasniev e Edwin Knopf encarregaram-se da direcção.

— A graciosa Jean Arthur secunda Charles Roggers no filme *A Caminho do Céu,* cuja estreia se realizou numa das ultimas semanas, no teatro Paramount, de Nova York. E' esta a primeira vez em que os referidos artistas trabalham juntos.

— Dentro de poucos dias, William Welman começará a filmagem de uma película de aviação, que se denominará *As Aguias,* tendo Budy Rogers como protagonista.

— John Cromwell é um antigo actor e director de cinema, mas que ainda é novo para os nossos leitores. Importa, pois, conhecê-lo, como um dos grandes valores do cinema actual.

Nasceu em Toledo, de Ohio. Estudou literatura inglesa e era já amador teatral. Voltando á terra natal, não se pôde afazer ao ofício do pai, industrial do aço e do ferro, e, por isso, foi para Nova York, tendo feito parte de companhias teatrais que percorriam o país.

Mais tarde, fez-se actor e director cinematográfico. Ultimamente, tornou-se um dos directores de filmes da Paramount, tendo desempenhado essas funções nos filmes *Close Harmony* e *Burlesque.*

Diz a nossa informação também que Cromwell é entusiasta pelos desportos, preferindo o «tennis» e a equitação.

— Harold anunciou: «O meu próximo filme será sôbre a vida a bordo, desenrolando-se toda a sua acção sôbre os mares.

— Gloria Swanson teve, nos ultimos dois meses, dezoito propostas para cantar em audições de T. S. F., por motivo do êxito que obteve nos filmes *The Trespasser* e *Love,* em que fez ouvir as suas canções.

— Buster Keaton está em vias de filmar uma versão, em espanhol, tirada do seu ultimo filme *Free and Easy.*

— A realização de «talkies» destinados ao estrangeiro continua muito activamente em vários estudios americanos. M. Loew, um dos dirigentes da M. G. M., fez anunciar, recentemente, que, durante êste ano, uma média de trinta filmes será executada para cada uma das línguas, além do inglês.

— O exôdo dos artistas de Broadway para a California contínua. Gus Shy, que foi um dos bons actores de *Good News,* foi contratado também para as «talkies».

— A moda das revistas continua: Radio Pictures realiza uma, actualmente, sob o título de *Radio Revue,* com Bert Weeler e Robert Woolsey.

FRANÇA

O filme que Maurice Tourneur realiza actualmente, nos estudios Pathé-Natan, de Joinville, chama-se, provisoriamente, *Un crime au Music-hall,* e terá como título definitivo *Acusé, levez-vous.*

Maurice Tourneur já tem escolhidos definitivamente os seus colaboradores.

— Jean Kerum partiu para Londres, com o fim de realizar ali a versão francesa do *Atlantic.*

— Abel Gance tem quási terminados os interiores do filme *La Fin du Monde.* Os trabalhos de estudio terminarão êste mês.

— Paris vai ter uma sala de exibição de filmes inteiramente falados, em inglês. A sala escolhida é o pequeno *Panthéon,* no bairro latino, e está sendo apetrechada pela Western Electric.

INGLATERRA

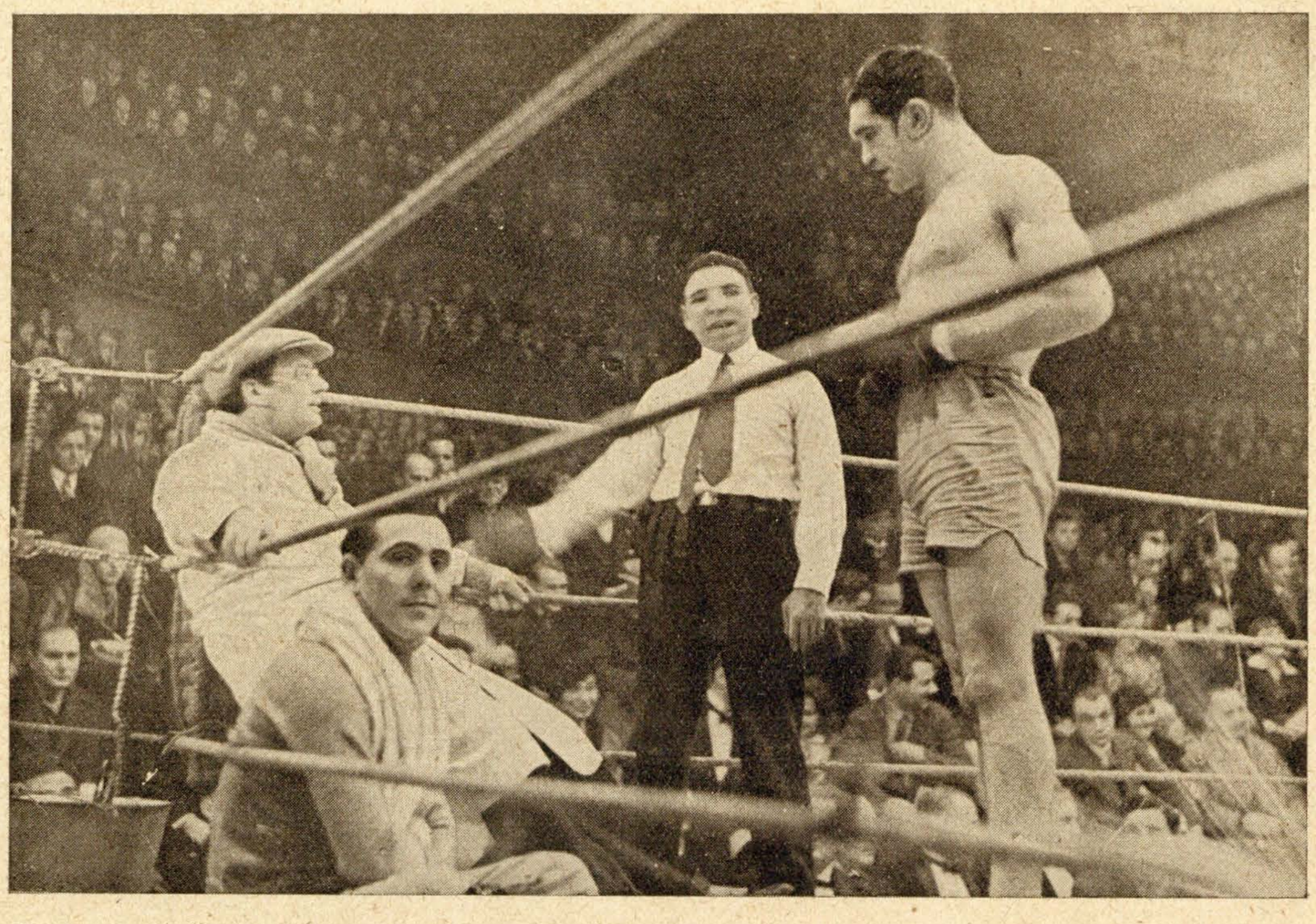
Ivor Novello terminou uma nova canção: *Devolve o meu coração (Give Me Back My Heart),* que se destina ao seu filme *(Symphony in Two Flats), Sinfonia em dois bemois.*

— Norma Shearer deve ser, no próximo ano, «vedeta» de muitos filmes ingleses.

— O major Court Treatt voltou de uma viagem ao Sudão, onde realizou uma série de doze documentários.

ITALIA

O primeiro filme sonoro, falado e cantado, italiano, será *Santa-Lucia,* realizado por uma importante firma italiana, de colaboração com firmas alemãs.



Uma scena do filme Liebe im Ringe (Amor no Ring), *em que se vê o nosso popular José Santa (Camarão). A esquerda. sentado, o nosso compatriota Artur Duarte e, no plano superior; de boné, Reinhold Shünzel, director desta nova produção Terra-United Artists*

Divina Mentira é uma comédia graciosa, que se vê com muito agrado. Henry B. Warner, o belo interprete de Cristo em *O Rei dos Reis*, é o protagonista. Eva Southern, muito bem.

San

CENTRAL-CINEMA, Março, 31.

Viva a Vida!... — Nicolas Koline, o apreciado actor alemão, tem, nesta graciosa comédia da Ufa, uma das suas melhores interpretações.

Sem forçar, tirou partido das situações cómicas do entrecho, com graça e leveza.

Agradou-nos êste filme, e o publico também gostou, riu com vontaãe.

Nathalia Lissenko, Gustav Frohlich e Betty Astor houveram-se bem.

A realização acertada e a fotografia boa.

Boneste

SÃO LUIZ e TIVOLI. Abril, 1.

Estreou-se nestes dois elegantes salões o novo filme Lisboa, *de Leitão de Barros. A seguir transcrevemos a referência-crítica que o nosso redactor principal, dr. José Ribeiro dos Santos, publicou, ontem, no* Diário Popular:

Um bravo a Leitão de Barros! Um bravo de entusiasmo e de sinceridade. Quem assistiu ontem á exibição de *Lisboa*, crónica animada da vida citadina, deve ter sentido bem que Leitão de Barros não é o audacioso, o atrevido que mete ombros a uma tarefa para que lhe falte o fôlego. Leitão de Barros conseguiu levar até ao «écran» um documentário encantador, um documentário com acção, com scenas cheias de interêsse, de imprevisto, agora repletas de enternecimento, para logo nos surgirem revestidas da mais franca comicidade.

«Como se nasce, como se vive, como se morre» — é o sub-título do interessantíssimo filme ontem apresentado ao publico da capital. Tudo nele se conjuga para conseguir dêsse publico uma impressão de agrado: os quadros e as figuras conhecidas, as scenas de ternura que tam bem cabem na nossa alma de meridionais, as situações leves, graciosas — mesmo divertidas. Leitão de Barros mostrou ser um realizador á altura, um realizador com que há que contar, absolutamente, para futuras produções nacionais.

ESTREIAS

(Continuação da pag. 19)

Lisboa tem scenas cheias de interêsse e de pitoresco, algumas cheias de beleza. O quadro dos marinheiros, subindo aos mastros, e a maneira como está filmado, seriam o suficiente para impôr o filme. São dez parte de documentário, que não fatigam: divertem e entusiasmam.

A comparticipação que alguns dos nossos actores de Teatro tiveram na interpretação dêste filme é esplêndida. Mas um destaque muito especial é devido a Augusto de Melo, que viveu intensamente o papel que lhe coube. Chaby manteve-se, também, a grande altura. E' longa a lista dos interpretes. Mas duas referências, pelo menos, cabem ainda: Aura Abranches — numa ovarina que soube ser como todas as ovarinas lindas; e Ester Leão — num *acidente* de transito com o *sinaleiro* Nascimento Fernandes.

«Como se nasce, como se vive, como se morre...». E tudo está ali arquivado, tudo o que faz parte da vida da cidade: desde as crianças nos lactários, os adolescentes felizes e os desgraçados, até aos velhos alegres dos asilos. Cheias de pitoresco as scenas do Albergue dos Invalidos.

Artur da Costa Macedo fez a fotografia. Muitas vezes se houve com grande felicidade. Mas... nem sempre. Alguns quadros pecam precisamente por aí, revelando dificuldades na exposição da luz. Mas talvez que Costa Macedo tenha que arcar com culpas que lhe não pertençam, mas sim ao trabalho de positivagem.

As legendas, sempre perfeitas, pertencem ao sr. dr. Feliciano Santos. Critério e equilíbrio. A nota de bom humor sempre intercalada a tempo.

O filme foi apresentado ontem, simultaneamente, no São Luíz e no Tivoli. E' um trabalho para semanas no cartaz, pois o publico saberá, por certo, fazer-lhe a devida justiça.

J. R. S.

TIVOLI, Março, 31.

Underground, filme inglês da *P'ro Patria-Films*, que ontem se exibiu no Tivoli, com o título *Um grito no Metropolitano*, argumento e direcção de Anthony Asquith, que dizem ser filho do estadista inglês Lord Asquith, nada tem a recomendá-lo.

O entrecho não merece que se relate, tão pueril e deficiente é, só podendo interessar, pelo pitoresco, as scenas passadas no metropolitano.

Quanto ao resto da representação... é melhor não dizer nada.

Orquestra excelente, sob a proficiente direcção de Nicolino Milano.

A. B.

OCASIÃO

Máquina de filmar "Pathé Baby", com estojo e todos os acessorios, nova, vende-se em conta. *D. Ferreira-R. Augusta, 188-1.º*

LISBOA

NOVOS DISCOS

"His Master's Voice"

Gravação electrica

(Suplemento de Março de 1930)

DISCOS DE DANÇA

Etiqueta ameixa — 25 cm., Esc. 25$00

JACK HYLTON E A SUA ORQUESTRA

B 5744 — Jollty Farm ..... *Fox-Trot*
— On her doorstep last night ..... *Fox-Trot*

GUS ARNHEIM E A SUA ORQUESTRA

B 5711 — I'm feathering a nest *(Do film «Honky Tonk»)* ..... *Fox-Trot*
— Ohe sweet kiss *(do film «Soy it with songs»)* ..... *Fox-Trot*

MAREK WEBER E A SUA ORQUESTRA

EG 1482 — Venn iche die blonde inge ..... *Fox-Trot*
— Baby, Gaby ..... *Fox-Trot*
AE 2494 — En un pueblito español ..... *Valsa*
— Puñadito de sal ..... *Passodoble*

DISCOS PORTUGUESES

Etiqueta ameixa — 25 cm., Esc. 25$00

ADELINA FERNANDES

EQ 250 — Fado da boa Hora, «Maria Rapaz».
— Fado sem pernas.

FERNANDA COUTINHO

EQ 264 — Malhão.
— Verde Gaio.

SAMIL

EQ 265 — Partida.
— Serenata.

MARIA EMILIA DE VASCONCELOS

EQ 251 — Ana.
— Primavera.

Etc., etc., etc.

1.º Ano

CINEGRAFIA